

Contributo para o estudo dos mosaicos romanos no território das *civitates* de *Aeminium* e de *Conimbriga*, Portugal ¹

MIGUEL PESSOA²

R E S U M O

São identificados neste artigo 22 sítios arqueológicos com mosaico romano, reunindo cerca de 130 pavimentos. Os dados coligidos tornam evidente a presença activa de oficinas de mosaicistas, nos territórios de *Aeminium* e de *Conimbriga* (*Conventus Scallabitanus*, Lusitânia), durante vários séculos. Estes vestígios de mosaico romano apresentam, por um lado, trabalhos próprios de uma produção corrente num estilo linear, sóbrio e bidimensional, imitando os modelos dos grandes centros, sobretudo itálicos e, por outro lado, trabalhos com programas iconográficos ecléticos, num estilo multifacetado, como acontece com o excepcional conjunto da Casa dos Repuxos, em Conímbriga, Condeixa-a-Nova, e como se pode ver nos mosaicos da *villa* romana do Rabaçal, Penela, datada de meados do século IV d.C., de influência protobizantina, própria de algumas escolas tardias. Existirá uma preferência na escolha de composições e motivos nos mosaicos das duas *civitates*? Só uma análise aprofundada poderá esclarecer esta questão. Os dados aqui apresentados são um contributo para o estudo dos mosaicos das duas *civitates*, tendo em vista uma futura análise centrada no estudo das técnicas e programas decorativos, onde serão assinalados os pormenores que permitem identificar os *ateliers*.

R É S U M É

Dans cet article sont identifiés 22 sites archéologiques avec des vestiges de mosaïques romaines, réunissant environ 130 pavements. Les données réunies mettent en évidence la présence, dans le territoire des *civitates* de *Aeminium* et de *Conimbriga* (*Conventus Scallabitanus*, Lusitanie), d'ateliers plus au moins permanents, actifs pendant plusieurs siècles. Cet ensemble met en avant la présence, d'un côté de travaux d'une production courante en style linéaire, sobre et bidimensionnel, imitant les modèles des grands centres, surtout italiens, d'autre part de travaux avec des programmes iconographiques éclectiques, en style multiple, comme il est présent dans l'exceptionnel ensemble de mosaïques de la "Casa dos Repuxos", à Conímbriga, Condeixa-a-Nova, et comme on peut le voir dans les mosaïques, datant du milieu du IV^e siècle, de la *villa* romaine du Rabaçal, Penela, d'influence protobyzantin, propre à certaines écoles tardives. Existait-il une préférence dans le choix des compositions et des motifs des

mosaïques des deux *civitates*? C'est seulement une analyse approfondie pourra éclaircir cette question. Les données présentées ici constituent une contribution pour l'étude des mosaïques des deux *civitates*, en vue d'une analyse future, centrée sur l'étude des techniques et programmes décoratifs, afin d'identifier les détails qui permettront d'identifier les ateliers.

O tema citado em epígrafe foi objecto de uma reflexão apresentada na Reunião Nacional Preparatória, realizada em Conímbriga de 2 a 3 de Outubro de 2003, do X Colóquio Internacional do Mosaico Antigo, que ali terá lugar entre 29 de Outubro e 3 de Novembro de 2005.

A sua versão escrita, aqui presente, trata, em capítulos separados, a localização e condições dos achados dos mosaicos, a análise da sua distribuição no território das duas *civitates*, bem como a problemática da existência de oficinas permanentes. Neste contexto apresentamos uma tipologia de composições de mosaicos, construídos sobre grelhas simples de quadrados, de Conímbriga, dado tratar-se de um conjunto que reúne vários factores positivos de estudo, nomeadamente, diferentes instalações arquitectónicas, dados cronológicos, quantidade de pavimentos, variedade de composições e de motivos e disponibilidade do acervo. Terminamos este artigo com algumas considerações gerais sobre o tema, e, ainda, em anexo, a listagem actualizada sobre os locais, tutela dos acervos, referências dos fundos bibliográficos a que tivemos acesso e ilustrações.

Introdução

Os mosaicos romanos das *civitates* de *Conimbriga* e de *Aeminium*, descobertos a partir da segunda metade do século XIX, com continuação na actualidade, repartem-se por vinte e dois locais, número este que inclui as duas capitais (Fig. 1) (Anexo 1).

Este amplo território das duas *civitates* tem como limites, *grosso modo*, a norte, a linha de Águeda, a sul, os paralelos de Alvaiázere, Ansião e Pombal, a oriente, as Serras de Caramulo, Buçaco e Lousã, e, a ocidente, a linha da costa atlântica portuguesa. O rio Mondego é a linha natural abaixo da qual se situaria a fronteira inventada, provável, entre estes dois territórios (Alarcão, 1988a, p. 46-47, 1988b, I, p. 25, II, p. 88, 1990, p. 366-368, 1999, p. 104).

No cômputo geral dos sítios com mosaicos romanos em Portugal, o número registado, quer no campo quer na cidade, para as duas *civitates*, ultrapassa os 10% do total assinalado até aos nossos dias. Portugal é considerado como apresentando um nível alto de frequência de testemunhos musivos.

São, para já, conhecidos oito locais com vestígios deste tipo de pavimento decorativo no território tido como pertencendo a *Aeminium* e catorze locais no território tido, igualmente, como pertencendo a *Conimbriga*.

A investigação, nesta matéria, ganhou algum impulso, nas últimas décadas, graças a dois factores. O primeiro destes é o significativo número de trabalhos em curso em Ançã, no âmbito dos trabalhos para a Carta Arqueológica do concelho de Cantanhede (Cruz, 2003), no Pátio das Escolas, da Universidade de Coimbra (Catarino, 2001, p. 7-11), desde 2001, em Santiago da Guarda (Coutinho, 1986, p. 179; Pereira, 2002, p. 1-10), no concelho de Ansião, desde 2002, e, em S. Simão (Azevedo, 1902, p. 59-61) e Rabaçal (Alarcão, 1974, p. 197), no concelho de Penela, respectivamente desde 2001 e 1984, e a descoberta de vestígios inéditos em Madanela, Coles de Samuel (Informação de António João Nunes Monteiro), no concelho de Soure, em 1988, e, já em 2003, na Ribeira de Cernache (Informação de António João Nunes Monteiro e de Raquel Santos), no concelho de Coimbra. O segundo factor é o aparecimento do primeiro volume do “*Corpus dos Mosai-*

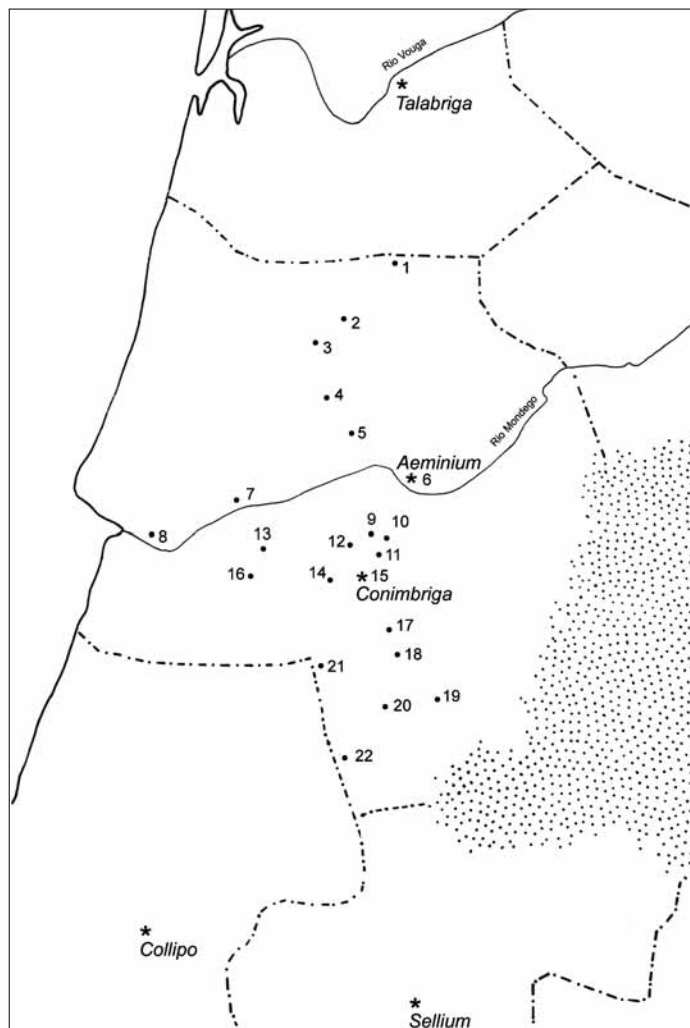


Fig. 1 Parcela de mapa de distribuição dos mosaicos romanos de Portugal (Oleiro, 1986, p. 112), atualizado em 2005. Destaque para os territórios tidos como pertencendo ao *ager* de *Aeminium* e ao *ager* de *Conimbriga* da carta das *civitates* romanas da parte portuguesa da Lusitânia (Alarcão, 1990, p. 367).

CIVITAS AEMINIENSIS

1. Aguada de Cima (Águeda)
2. Vimieira (Mealhada)
3. Murtede (Cantanhede)
4. Pardieiros (Cantanhede)
5. Ançã (Cantanhede)
6. *Aeminium*, Pátio da Universidade (Coimbra)
7. Senhora do Desterro (Montemor-o-Velho)
8. Colombeiros (Figueira da Foz)

CIVITAS CONIMBRIGENSIS

9. Escoural (Coimbra)
10. Mina (Coimbra)
11. Revolta Seca (Condeixa)
12. Olival da Miquinhas (Condeixa)
13. Quinta de S. Tomé (Soure)
14. Moroços (Condeixa)
15. *Conimbriga*, Condeixa-a-Velha (Condeixa)
16. Madanela (Soure)
17. Lameiras (Condeixa)
18. Moroços (Penela)
19. Senhora da Graça (Penela)
20. Santiago da Guarda (Ansião)
21. Redinha (Pombal)
22. S. Tibério (Pombal)

cos Romanos de Portugal - *Conventus Scallabitanus*", em 1992, de autoria de João Manuel Bairrão Oleiro, dedicado à Casa dos Repuxos, em Conímbriga.

Assim sendo, os mosaicos romanos contribuíram para a investigação das *civitates* de *Aeminium* e *Conimbriga* e a procura da complexidade da relação campo - cidade (Alarcão, 1988c, p. 98, 128-139).

Localização e condições dos achados

O território tido como de *Aeminium* reúne, como vimos, um conjunto de oito locais (Fig. 1) (Anexo 1) onde foram detectados vestígios de mosaicos, tendo sido alguns deles assinalados ainda na segunda metade do século XIX. Neste grupo de descobertas mais antigas se inserem o mosaico da "Estrada da Figueira da Foz", descoberto por Possidónio da Silva, em 1874, e depositado no Museu Arqueológico do Carmo, em Lisboa (Pinto, 1934, p. 172-174; Alarcão, 1974, p. 197) (Anexos 2 e 3), os painéis dos mosaicos de Ançã, no concelho de Cantanhede, do acervo do Museu Municipal Santos Rocha, na Figueira da Foz (Rocha, 1905, n.º 6651 e 6652, p. 158), e o mosaico da Igreja da Nossa Senhora do Desterro, junto a Montemor-o-Velho (Rocha, 1905, n.ºs 3690 e 4689, p. 146-147), igualmente pertença daquele Museu Municipal da Figueira. O mosaico da Vimieira descoberto em 1980 e 1981, no concelho da Mealhada (Lopes, 1981,

p. 13-19), apresentava, no momento da descoberta, uma superfície de cerca de 1 m², com tesselas brancas, pretas e rosa carregado, e devia pertencer à ala de um átrio.

Aguada de Cima, no concelho de Águeda (Alarcão, 1988b, p. 93, n.º 3/63), e Murtede (Alarcão, 1998b, p. 94, n.º 3/82) e Pardieiros (informação de Carlos Manuel Simões Cruz), no concelho de Cantanhede, são apontados como locais onde nas últimas décadas foram recolhidos materiais romanos e tesselas soltas de várias cores, não se conhecendo neles, até ao momento, vestígios de pavimentos *in situ*.

O mosaico descoberto no Pátio das Escolas da Universidade de Coimbra, em 2001, constitui o núcleo mais recentemente conhecido do *territorium Aeminiense* (Catarino e Filipe, 2001, p. 18-19).

No *territorium Conimbrigense* registámos 14 locais assinalados com vestígios de mosaicos (Fig. 1) (Anexo 1).

Do local da Mina, Casconha, Cernache, no concelho de Coimbra (Correia, 1972, p. 119), bem como da Redinha e de S. Tibério, no concelho de Pombal (Alarcão, 1999, p. 139), chegaram ao nosso conhecimento, até ao actual momento de investigação, apenas referências em obras publicadas.

No Olival dito da Miquinhas, em Avenal-Sobreiro (Repas, 1990), em Moroços, S. Fipo (Pessoa, 1986, p. 59, n.º 6), nas Lameiras, Póvoa de Pegas (Pessoa, 1986, p. 65, n.º 21), no concelho de Condeixa-a-Nova, na Madanela, Coles de Samuel (Informação de António João Nunes Monteiro) e na Quinta de S. Tomé, da Companhia das Lezírias, em Vila Nova de Anços, ambos no concelho de Soure (Alarcão, 1998b, p. 97, n.º 3/134), foram recolhidas algumas tesselas e fragmentos de pavimento, mas não chegou até nós, segundo aquilo que nos foi possível apurar até ao momento, nenhum testemunho de pavimento *in situ*. O mesmo se passa em relação ao mais recentemente assinalado local com vestígios de mosaico, já em Novembro de 2003, no lugar do Escoural, entre Cernache e a Ribeira de Cernache (Correia, 1940, p. 118; informação de António Monteiro e de Raquel Santos).

Conímbriga (Gonçalves, 1903; Correia, 1941; Oleiro, 1973, 1986, 1992; Alarcão, 1974, 1998a, 1998b), Rabaçal (Pessoa, 1998), Santiago da Guarda (Pereira, 2002) e S. Simão (Fig. 2) (Pessoa e



Fig. 2 Pormenor do mosaico geométrico da *villa* romana de S. Simão, Penela. É parte de uma composição de reticulado de faixas de quadrados decorados com trança, exibindo interpenetração de quadrados quadripartidos, decorados ao centro com cruz de espartaria, e círculos expandidos (ver reconstituição gráfica), decorados ora de redentes ora de cabos, como motivo de intersecção, o que determina octógonos irregulares de quatro lados curvilíneos (*Répertoire*, n.º 330; *Décor* I, 168 b; *Décor* II, p. 40). Trata-se de um mosaico requintadamente elaborado, revelador de bom gosto, próprio para mostrar ostentação.

Vicente, 2001) reúnem um significativo número de mosaicos, apresentando boas perspectivas de estudo, de intervenção e de novas descobertas, a curto, médio e longo prazo.

O núcleo de mosaicos conservados no Museu Nacional de Machado de Castro reúne nove painéis, decorados de motivos geométricos e vegetalistas, muito provavelmente provenientes de Conímbriga. Do arquivo fotográfico deste museu de Coimbra constam mais quatro fragmentos de mosaico, dos quais até ao momento não foi possível encontrar o paradeiro. Serpa Pinto refere no seu inventário de 1933 que “as explorações de 1899, realizadas em Conímbriga, deram lugar à transposição, para Coimbra, de quatro pavimentos de mosaico e bastantes fragmentos; outro mosaico encontrou o falecido Prof. Pedro Teixeira; em 1930-1931 Vergílio Correia descobre alguns mosaicos de somenos interesse; no Museu de Coimbra conservam-se ainda vários fragmentos” (Pinto, 1934, p. 172-173).

Bairrão Oleiro diz-nos que, em relação a este acervo, “entre os fragmentos policromos contam-se dois, com os números de inventário 3853 e 3854, que talvez possam corresponder aos registados no Catálogo dos objectos existentes no Museu do Instituto de Coimbra, de 1883, como provenientes das “ruínas de Cetobriga” (n.º 25, p. 7, do 1.º suplemento, correspondente aos anos de 1877-1883) (Oleiro, 1973, p. 75).

Uma ilustração de um roteiro do Museu do Instituto de Coimbra (Monteiro, 1905, p. 513-516), datado de 1904, com imagem de uma das salas de exposição aberta ao público, revela-nos, suspenso da parede, um painel de Conímbriga, que confirmámos estar presente (de momento, colado em tela de transposição para um novo suporte) no núcleo de mosaicos da reserva do Museu Nacional Machado de Castro, instituição esta que sucedeu àquele, após a implantação da República, em 1910. O autor citado refere “que, exceptuando a epigrafia, os materiais da sala da arqueologia romana são procedentes, quase em absoluto, de Condeixa-a-Velha”.

Dos onze painéis de mosaico conservados desde o final do século XIX e inícios do seguinte, no Museu Municipal Santos Rocha, da Figueira da Foz, só quatro pertencem aos territórios aqui estudados (dois de Montemor-o-Velho e dois de Ançã) e dois carecem de informação segura sobre o local de proveniência (*Décor* I, 70 h; *Décor* I, 39 b, 187 b, 195 d). Existe apenas ilustração publicada de um painel de mosaico (*Répertoire*, 107, 284; *Décor* I, 4 j, 20 d) da Nossa Senhora do Desterro, em Montemor-o-Velho (Rocha, 1903, p. 596), e de um outro (*Décor* I, 41 b) de Ançã (Rocha, 1903, p. 814). Os mosaicos desta importante *villa* romana do concelho de Cantanhede foram descobertos nos finais do século XIX, perdidos depois, e redescobertos, acidentalmente, em 1978 e 1979 (Alarcão, 1998b, p. 94, n.º 3/95), existindo, hoje, algumas perspectivas para o seu estudo, no âmbito dos trabalhos da Carta Arqueológica do concelho de Cantanhede, sob a coordenação de Carlos Manuel Simões Cruz.

Perdido para sempre parece estar o mosaico do pátio do Solar da Quinta de S. Tomé, em Vila Nova de Anços, concelho de Soure (Alarcão, 1998b, p. 97, n.º 3/134), visto, *in situ*, na década de 1980.

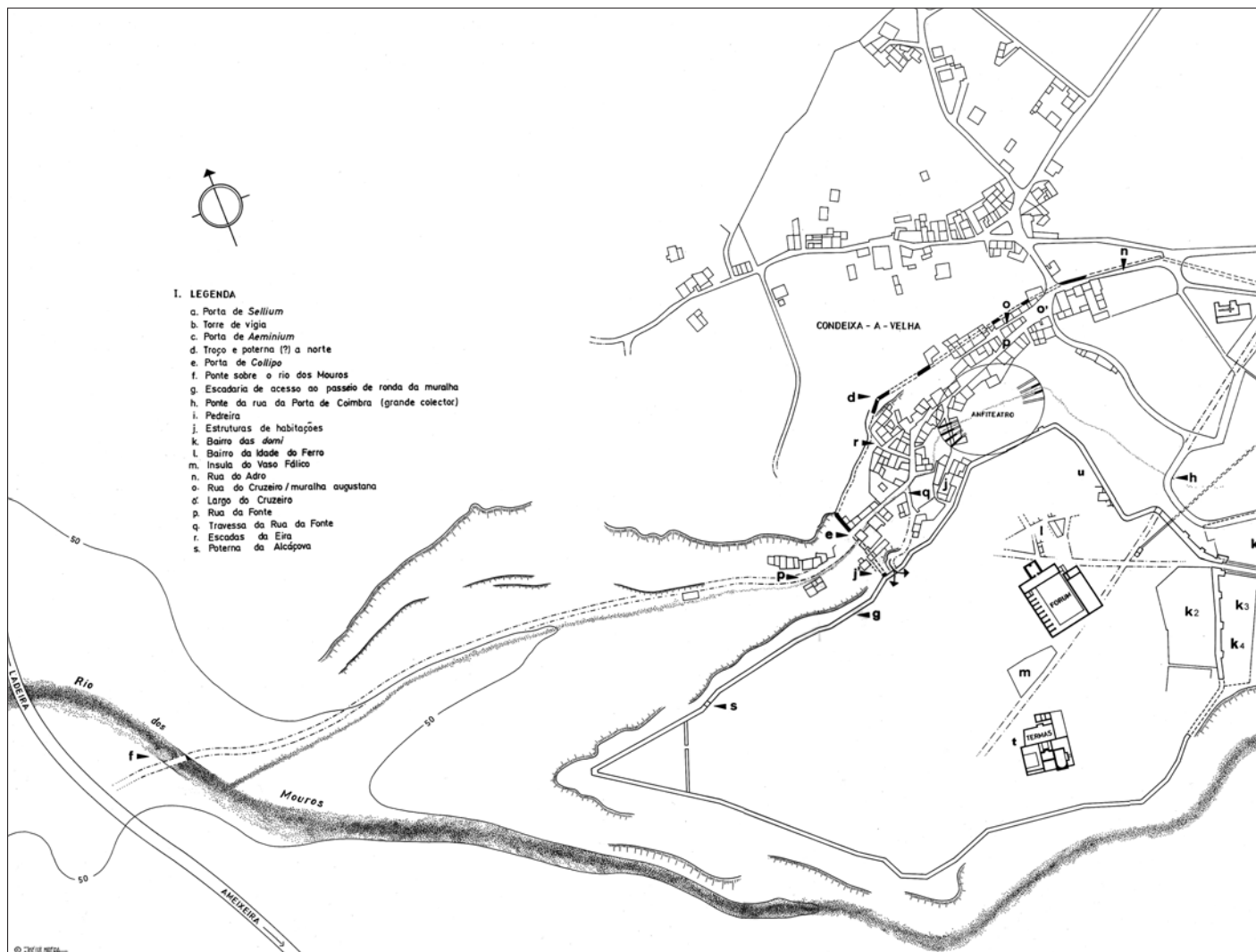
Também em Conímbriga (Fig. 3), o mosaico conservado no interior de uma casa (j), junto ao anfiteatro, foi visto com parte do seu assentamento na década de 1970, sendo depois perdido para sempre.

O mosaico pertencente a uma provável *domus*, situada a este da Casa dos Repuxos (j”), foi arrancado do local por razões de segurança e guardado na oficina de mosaicos de Conímbriga.

Um canto do pavimento de uma sala, descoberto no espaço contíguo a oeste da Casa da Espada e do Tridente, faz parte das descobertas mais recentes de mosaico em Conímbriga, elevando o seu número para noventa e dois casos registados.

Refira-se, ainda, a memória, entre os anciãos de Condeixa-a-Velha, da existência de mosaicos nos terrenos a norte da Casa dos Repuxos, em Conímbriga.

Tendo em conta o número de locais tipificados como *villae* referenciados com mosaicos, que estão a decorrer projectos de investigação em várias das estações aqui referidas e que o estado par-



cial da área escavada, objecto de interpretação arqueológica nas capitais de *civitas*, é assinalável, torna-se perfeitamente crível que o número de mosaicos do *ager* de Conimbriga e do *ager* de Aeminium venha a aumentar, contribuindo para a mais valia do nosso património cultural.

Análise da distribuição dos mosaicos no *ager* das *civitates*

A escolha de uma área tão circunscrita para análise, como é a de duas *civitates* contíguas, onde um rio e linha de costa comum ligam intimamente os dois territórios, pertencendo à grande circunscrição que é o *conventus Scallabitanus* e à vastidão da província da Lusitânia, tem vantagens e inconvenientes.

No que diz respeito às primeiras, de notar que a esta escala é possível localizar áreas diferentemente prospectadas e, por outro lado, ter em conta a estratégia de povoamento e a forma e tamanho dos *fundi*, própria de cada região e sub-região (Alarcão, 1988c, p. 91-119).

A análise pormenorizada de cada pavimento de mosaico passa por uma recolha de dados mais sistemática, a qual contamos apresentar no âmbito de um trabalho futuro.

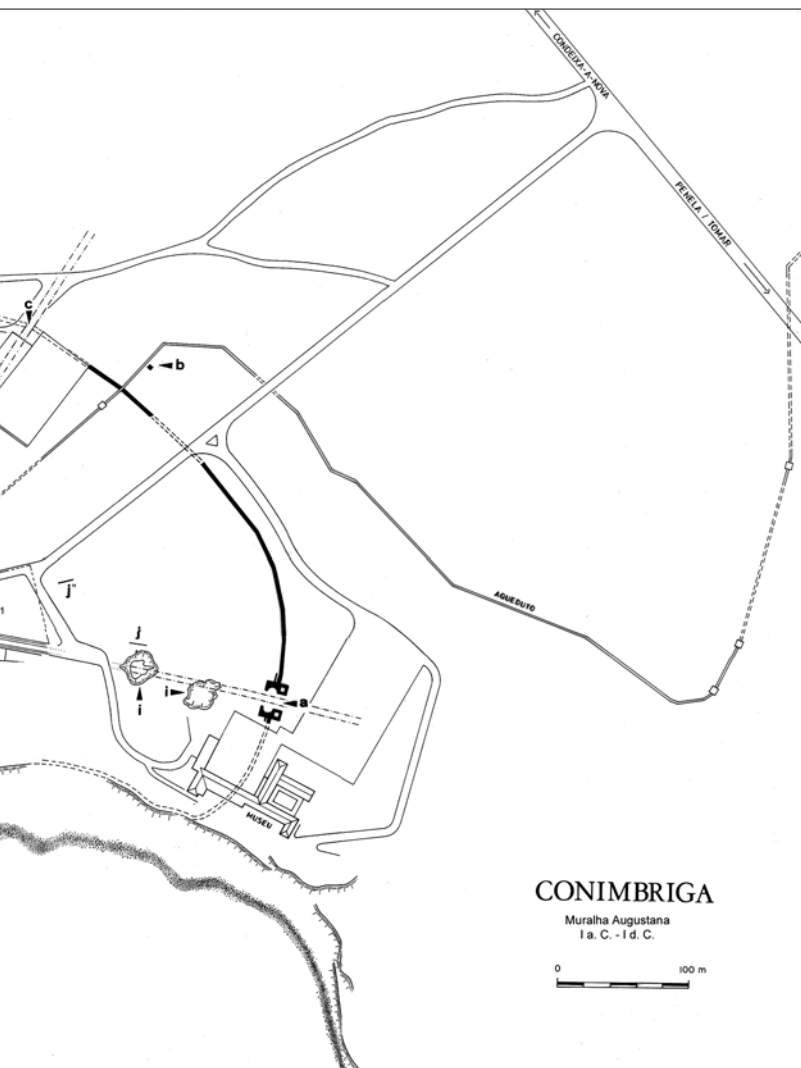


Fig. 3 Planta de localização dos mosaicos de Conímbriga: j" - Estruturas de habitação com mosaico a este da Casa dos Repuxos; k1 - Casa dos Repuxos; k2 - Casa de Cantaber; k3 - Casa da Cruz Suástica; k4 - Casa dos Esqueletos; t - Termas Públicas Augustanas; u - Casa do mosaico da Espada e do Tridente; j - Mosaico de habitação junto ao anfiteatro. Desenho de José Luís Madeira (Pessoa, 1991, p. 6-7).

Os inconvenientes da escolha de uma área tão circunscrita são a falta de um amplo espectro de dados sobre mosaicos, tendentes a novas comparações tipológicas, e a dificuldade de se obter uma grande variedade de relações com o meio físico (Cerrillo Martín de Cáceres e Fernández Corrales, 1981, p. 154).

A informação recolhida até ao momento para identificar os sítios com pavimento de mosaico nas *civitates* de *Conimbriga* e de *Aeminium* tem por base os mapas de distribuição de mosaicos romanos de Portugal, publicados por Jorge de Alarcão, em 1974, e por Bairrão Oleiro, em 1986, a obra *Roman Portugal - Introduction I, Gazetteer II*, de Jorge de Alarcão, de 1988, os inventários do Museu Municipal Santos Rocha, na Figueira da Foz, do Museu Nacional de Machado de Castro, em Coimbra, e do Museu Nacional de Arqueologia, do Museu Arqueológico do Carmo e do Museu do Palácio Nacional da Ajuda, em Lisboa, do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior, em Castelo Branco, do Museu de Arqueologia/Secção do Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, as monografias de alguns concelhos e freguesias, as cartas arqueológicas de alguns municípios e bacias hidrográficas, os relatórios de escavações, as batidas de campo e informações de colegas e amigos.

No entanto, o nosso mapa de distribuição só poderá ter significado quando for possível, numa etapa subsequente a esta primeira análise, no âmbito de uma investigação mais alargada que nos propomos realizar, juntar à quantidade a precisão da descrição dos tipos de mosaico, a sua cronologia, os aspectos técnicos e de conservação e de monitorização dos pavimentos,

juntamente com dados sobre o meio físico e ambiente de cada lugar.

No actual estado dos nossos conhecimentos, no que diz respeito à distribuição das *villae* com mosaicos, verificamos que ela é diferente num e noutro território (Fig. 1). No caso particular da *civitas* de *Aeminium* os mosaicos dispõem-se na área de influência das suas duas vias de comunicação mais importantes: uma terrestre, para norte; outra fluvial, pelo Mondego (ou terrestre, flanqueando este rio na sua margem direita), para oeste, em direcção ao Atlântico (Mantas, 1996, mapa II). No caso da *civitas* de *Conimbriga* as *villae* com mosaicos concentram-se nas proximidades da capital de *civitas*, diminuindo o seu número à medida que aumenta a sua distância em relação a esta, ou seja, o seu número é inversamente proporcional à distância da sua capital administrativa. A referida distribuição parece estar, neste caso, também relacionada com a presença da via terrestre prin-

capital que saía de *Aeminium*, na direcção sul, para *Conimbriga*, e nas duas outras que nela bifurcam, no interior deste *caput viae*, na direcção de *Sellium* e *Collipo* (Fig. 3) (Mantas, 1996, mapa II).

Os mosaicos apresentam-se, como vimos, distribuídos, em ambas as *civitates*, numa área próxima onde foi possível a existência de oficinas mais ou menos permanentes, sem exclusão da presença temporária de oficinas ou artistas itinerantes (Oleiro, 2000, p. 65), como acontecia com tantos outros produtos de importação.

Esta concentração apreciável de mosaicos em zonas que correspondem aos meios urbanos e à ocupação rural da sua vizinha área de influência é válida tanto para *Aeminium* e *Conimbriga*, como, por exemplo, para *Collipo*, *Sellium* e *Olisipo* (Oleiro, 2000, p. 64).

Tomando o mapa geral da distribuição de *villae* com pavimentos musivos (Fig. 1), nele observamos, em relação a *Aeminium*, a presença de apenas uma *villa* com mosaicos (Ançã) numa distância até cerca de 10 km a partir desta capital de *civitas*, enquanto que em *Conimbriga*, nesta mesma amplitude, é maior o seu número (Ribeira de Cernache, Casconha, Avestada, Avenal, S. Fipo e Póvoa de Pegas). A uma distância entre os 10 e 20 km, no caso de *Aeminium*, aumenta o número de frequência em relação à anterior (Casal Comba, Murtede e Pena), enquanto que, na mesma amplitude territorial, na *civitas* de *Conimbriga*, o registo revela-se mais ou menos em *continuum* (Vila Nova de Anços, Coles de Samuel, Rabaçal, S. Simão, Santiago da Guarda e Redinha). À distância entre os 20 e os 30 km da capital da *civitas* o território de *Aeminium* continua a mostrar locais com mosaicos (Montemor-o-Velho, Aguada de Cima e Estrada da Figueira da Foz), diminuindo este número, na mesma amplitude, em relação a *Conimbriga* (Pombal). A partir de uma distância muito para além dos 30 km, a inexistência, pelo menos até ao momento actual dos nossos conhecimentos, de *villae* com mosaicos leva a pensar que a interacção com a cidade é muito forte, sendo que, como vimos, a proximidade dela é um factor de concentração de *villae* e o seu afastamento gerador de vazios.

É obvio que o decréscimo da densidade de *villae* por km² está intimamente relacionado com factores físicos e ambientais, geradores de diferenciadas capacidades de uso do solo, variedade de recursos naturais, vias e vicissitudes históricas. Sabemos também como pode ser variável a intensidade da investigação numa determinada área territorial, dando origem a falsas zonas de concentração, face a outras de escassa ou nula presença de mosaicos.

O que neste levantamento parece relevante é que as duas cidades, capitais de *municipia*, situadas a uma acentuada curta distância, surgidas com a presença de alguma actividade económica de certo relevo, reúnem condições para a instalação, na sua área de influência, de possíveis oficinas permanentes de mosaicistas (Alarcão, 1974, p. 193, 1998b, p. 119; Oleiro, 1986, p. 118, 125-127, 1992, p. 171-172).

Aeminium não apresenta centralidade em relação à dispersão do total dos locais assinalados com mosaicos nas duas *civitates*. Pelo contrário, *Conimbriga* apresenta essa evidente centralidade em relação à distribuição dos locais com mosaicos registados (Fig. 1). É presumível, por isso, que as oficinas permanentes de mosaicos exercessem a sua actividade em ambas, ou mais *civitates*, ocorrendo, provavelmente, a sua localização num lugar do território a sul do Mondego, na área das Serras Calcárias, denominadas de Condeixa, Sicó e Alvaiázere (Cunha, 1998).

Para além da proximidade das vias, a natureza oferecia-lhes, prodigiosamente, vários calcários e uma ampla paleta de cores, favorecendo o desenvolvimento desta técnica de pavimento, à semelhança do que aconteceu em Mérida, Itália e Norte de África (Lancha, 1984, p. 55).

A análise em curso dos calcários e argamassas utilizados nos mosaicos referidos, a norte e a sul do rio Mondego, poderá contribuir para o esclarecimento da validade desta hipótese (Pessoa, Gonçalves e Catarino, 2004, p. 319-321).

Oficinas permanentes e tipologia decorativa. Oficinas itinerantes e artistas

Será a concentração de sítios com mosaicos em torno das cidades, por si só, prova da existência de oficinas permanentes? Trata-se de um indício forte. Mas como definir-lhes a sua existência? Existirão motivos que demonstram preferências locais ou regionais, com carácter de certa originalidade? Será possível discernir a preferência e tradição de determinadas soluções decorativas e o seu enquadramento em tipologias? Será possível identificar produtos das oficinas e dimensionar as suas deslocações? Como justificar a concentração de mosaicos de melhor qualidade?

A produção de mosaicos até hoje aqui reunida revela um carácter em que prevalecem os temas geométricos e uma paleta de cores reduzida, sendo o mesmo que dizer que estamos perante pavimentos de mais fácil execução, menos tempo de instalação da equipa e, em consequência, de um custo também menor. Tal perspectiva é privilegiada, por abrir perspectivas à nossa pesquisa sobre a existência de oficinas permanentes.

Pelo contrário, os mosaicos figurativos, conjuntamente com outras manufacturas de luxo, estão mais ligados à possibilidade de contactos longínquos e à personalidade do encomendador, que podia dirigir-se a oficinas especializadas ou artesãos itinerantes. O proprietário de uma nobre habitação visa afirmar o seu estatuto através da execução de obras de notável nível artístico no interior da sua vivenda, tornadas mais evidentes quanto menos frequentes e difusas na região.

De facto, os mosaicos geométricos, sendo de mais fácil execução, podem, por vezes, fornecer interessantes indicações sobre as oficinas que operam num sítio, sobre as suas influências e sobre a cultura musiva que estão em condições de exprimir (Ghedini, Baggio e Toso, 1998, p. 177).

Tipologia de mosaicos de Conimbriga construídos sobre grelhas de quadrados

Sabe-se do emprego que o arquitecto romano faz das linhas directrizes, sob a forma de grelhas de quadrados. É essa mesma uma das diferenças essenciais entre os procedimentos dos romanos e as concepções gregas. Não será, portanto, de surpreender que encontremos semelhantes práticas entre os mosaicistas. De facto os mosaicos construídos sobre composições com base em quadrados formam, de longe, a maior família de pavimentos (Prudhomme, 1975, p. 340). Para além disso, é comum observarem-se nas argamassas de assentamento sinais de linhas preparatórias, sendo provável que em muitos tipos de construção de mosaico a área a tratar fosse dividida numa série de linhas directrizes conhecidas por redes (Neal, 1981, p. 21-23).

Seleccionámos, nos mosaicos de Conímbriga, as composições em superfície, que nos pareceram mais significativas, cuja base é uma quadricula, de elementos isotrópicos, ou sejam, aquelas que comportam uma estrutura indefinidamente repetitiva, reproduzindo, portanto, o mesmo elemento, contíguo a si mesmo, em todas as direcções.

Sendo o mosaico, na sua essência, um reticulado monocromático, que exemplos observamos em Conímbriga de composições de superfície tendo por base o reticulado de quadrados? Fornecerão os mesmos uma indicação demonstrativa da capacidade de uma hipotética oficina permanente em encontrar soluções originais?

O mosaico conservado à esquerda da entrada da Casa dos Repuxos (Fig. 4) apresenta a mais elementar decoração (Tipo 1 a) de quadrados direitos (*Répertoire*, 310; *Décor* I, 123 variante d, simplificada), preenchidos no interior de tesselas brancas, e a particularidade de conservar as linhas reguladoras do próprio reticulado, em tesselas pretas (Oleiro, 1992, p. 83, mosaico n.º 2). Este modelo, que conserva o reticulado, está igualmente presente no painel do fundo do cubículo da

Casa dos Esqueletos (Alarcão, 1997, p. 14). Porém, é interessante o grau de complexidade atingido nesta decoração (Tipo 1 b). As linhas directrizes da quadrícula apresentam-se sob a forma de filetes triplos, denteados, bicromos (*Répertoire*, 142; *Décor* I, 1 p, 124 c) e o interior dos quadrados apresenta-se decorado, alternativamente, com fiadas de quadrados vazados, cruz de asnas, quadrado denteado e roseta quadripétala (*Répertoire* 142; *Décor* I, 1 p, 124 c) lembrando cestaria (Fig. 5).

Semelhante reticulado de quadrados se nos apresenta, sempre com diferentes elaborações, por exemplo, nos mosaicos dos compartimentos C 2 (Tipo 1 c) (*Décor* I, 126 b/c variante) (Fig. 6), C 14 (Tipo 1 e) (*Décor* I, 140 a) (Fig. 7), C 23 (Tipo 5 d) (*Décor* I, 20 a, 120 g) (Fig. 8), C 27 (Tipo 5 a) (*Décor* I, 120 g) (Fig. 9), C 68 (Tipo 5 c) (trata-se, neste caso, de uma composição de superfície centrada) (*Décor* I, 17 f) (Fig. 10), e, ainda, C 31 (Tipo 5 e) (*Décor* I, 118 variante) (Fig. 11), da Casa de Cantaber (Correia, 1940, p. 531-546; Oleiro, 1994, p. 296; Correia, 2001, p. 89, foto 13) e num mosaico (*Décor* I, 114 a), conservado na reserva do Museu Nacional de Machado de Castro, em Coimbra.

Na sala chamada do mosaico do Elefante e do Camelo, na dita Casa dos Repuxos, os painéis 1, 3, 5 e 7, apresentam um reticulado (Tipo 1 d), a preto, com decoração, de quadrados mais pequenos, sob fundo branco (*Décor* I, 140 b) (Fig. 12), alternando com rectângulos decorados com tranças de dois cabos (Oleiro, 1992, p. 126-133, mosaico n.º 12). Os painéis quadrados 2 e 6, da mesma sala, exibem, também, um axadrezado de triângulos rectângulos isósceles (Tipo 2 d) (*Répertoire*, 505; *Décor* I, 12 h, 197 a) (Fig. 13).

Encontramos um novo esquema, dentro da tipologia de quadrados, na sua versão simplificada (Tipo 2 a), no painel central do mosaico do cubículo norte, ainda da mesma Casa dos Repuxos (Oleiro, 1992, p. 135-137, mosaico n.º 13). Esta decoração foi enriquecida pela novidade do tratamento dos limites dos quadrados, que se apresentam denteados (*Décor* I, 114 a), num espaço envolvido pelo mesmo motivo em xadrez (*Décor* I, 114 b), transformado num reticulado de reduzidas dimensões, igual a uma quarta parte dos quadrados do centro deste painel de mosaico (Fig. 14).

A mesma base de desenho (Tipo 2 b) aparece nos mosaicos policromos do corredor oeste do peristilo da Casa dos Repuxos (Oleiro, 1992, p. 70, mosaico n.º 1.18). Aqui, o reticulado mantém-se, ora a negro, ora a branco, sendo o interior desta superfície em xadrez (*Décor* I, 144) decorado a várias cores (Fig. 15).

Outro painel de composição geométrica (Tipo 2 c), a sul do anterior aqui tratado, no referido corredor, apresenta o mesmo tipo de reticulado (*Décor* I, 119 g), mas os quadrados alternam com motivos de asnas (Fig. 16), com a novidade de não obedecer a um critério de desenho tão rígido como na maioria dos outros pavimentos (Oleiro, 1992, p. 72, mosaico n.º 1.20).

Assinale-se, agora, a título de exemplo, por ser um dos mais antigos que chegaram até nós em Conímbriga, o mosaico geométrico, construído a partir de um reticulado de quadrados iguais (Tipo 3 a) (*Répertoire*, 312; *Décor* I, 20 a, 133 d), exposto, actualmente, à entrada das ruínas, datado de meados ou terceiro quarto do século II (Fig. 17). Foi descoberto nas escavações de 1899 (Gonçalves, 1903, p. 361), publicado por Bairrão Oleiro em 1973 e fez parte da exposição do Museu do Instituto de Coimbra até 1912, a seguir do Museu Machado de Castro, também em Coimbra, e da primeira exposição permanente do Museu de Conímbriga, em Condeixa-a-Velha, inaugurada em 1962 e encerrada ao público em 1976 (Oleiro, 1973, p. 76-92, n.º 1, Est. 3 e 4). Proven do compartimento à esquerda da entrada da Casa de Cantaber. Para além do painel transposto para o Museu do Instituto de Coimbra, em 1899, uma parte deste mosaico conservava-se *in situ*, em 1930 (Pessoa e Rodrigo, 2005, n.º 7), conforme fotografias e catálogo da época (Correia, 1941a, Galeria Romana, Sala III, n.º 5). Sabemos como o uso do esquema de caixotões vazados sobre reticulado foi comum no Norte de Itália, sendo que as disposições idênticas foram encontradas em pavimentos do século IV (Ghedini, Baggio e Toso, 1998, p. 184).

A superfície a decorar, no atrás referido compartimento de entrada da Casa dos Repuxos, foi feita recorrendo à disposição de um módulo repetido, ou seja, de quadrados negros dispostos obliquamente sobre um fundo contrastante; o módulo é de dimensão reduzida; a forma geométrica utilizada é constituída pela associação de quadrados ligados pelos cantos, inseridos num reticulado, de maneira a delimitar espaços onde se inserem quadrados maiores direitos, lembrando a forma simplificada tipo caixotão; os quadrados menores, em tesselas negras, apresentam-se decorados com cruzetas de tesselas brancas, enquanto no interior dos caixotões a decoração do tipo naturalista, apresentando uma variedade de soluções (escudos, peltas e trevos de quatro folhas); a bicromia apresenta-se em preto e branco.

Saliente-se, ainda, o tratamento deste tipo de desenho de base do mosaico (Tipo 2 e), no corredor da entrada norte (*Décor* I, 116 a) (Fig. 18) e no cubículo à direita da mesma entrada (*Décor* I, 133 c), na Casa da Cruz Suástica, em Conímbriga, sendo que, neste último a utilização dos quadrados negros, dispostos obliquamente, delimita espaços quadrangulares, nos quais se inserem outros quadrados maiores, com a variante de que estes quadrados se dispõem, também, obliquamente (Tipo 3 b) (Fig. 19). Encontramos uma outra variedade de quadrados sobre o vértice, formando composição de superfície centrada de quadrados concêntricos (Tipo 3 c), em duas das três salas com mosaico da Casa da Espada e do Tridente (Fig. 20).

Uma mesma estrutura de desenho sobre base de reticulado, a preto e branco, está presente, na Casa dos Repuxos, no painel do mosaico n.º 15 (Tipo 4 a), com homem segurando javali e cesto de entrançado vegetal (Fig. 21), no qual os octógonos irregulares, decorados de hexágonos, quadrados e ampulhetas, se ligam pelo vértice (*Répertoire*, 352; *Décor* I, 172 a), delimitando um caixotão quadrangular, maior e direito (Oleiro, 1992, p. 139, mosaico n.º 15). Encontramos este tipo de imbricado (Tipo 4 b), com variantes de hexágonos, octógonos, quadrados e triângulos, no triclinio da Casa da Cruz Suástica (*Répertoire*, 350; *Décor* I, 169 c, e ver 29 b) (Fig. 22), no triclinio da Casa dos Esqueletos (Tipo 4 e) (*Répertoire*, 344; *Décor* I, 163) (Fig. 23), na sua versão bicroma, e no átrio norte da Casa dos Repuxos (Tipo 4 f) (*Répertoire*, 363; *Décor* I, 183 a) (Fig. 24) e, ainda na mesma casa, em dois painéis do mosaico do Medalhão com Candelabro (Tipo 4 d) (*Décor* I, 172 b) (Fig. 25) (Tipo 4 g) (*Répertoire*, 350, *Décor* I, 169 d) (Fig. 26) (Oleiro, 1992, mosaico 5) e no mosaico das Estações do Ano (Tipo 4 c) (*Décor* I, 170 a) (Fig. 27), na sua versão policroma.

Este reticulado simples de quadrados, a preto e branco, no qual se destacam oito caixotões quadrados maiores, está na base do esquema decorativo do mosaico geométrico (Tipo 5 b) que faz parte da exposição permanente do Museu (Alarcão e Ponte, 1994, p. 57-59 e 156, n.º 508, Inv. A. 1). O imbricado de quadrados brancos e negros em ampulhetas (*Répertoire*, 514; *Décor* I, 138 e) (Fig. 28), já observados na Casa dos Repuxos, ora ao alto, ora deitados, cria a imagem de uma fiada de quadrados pretos sobre o vértice (Oleiro, 1973, p. 128-154, mosaico n.º 4, Est. VII). Esta decoração repete-se com o preto e o branco regularmente trocados, deixando todo o espaço decorado, lembrando o *horror vacui*.

Estas combinações de triângulos e quadrados, frequentes nos mosaicos de *Conimbriga*, são consideradas em estreita relação com idênticas decorações em *opus sectile* (Oleiro, 1973, p. 130).

Encontramos o mesmo tipo de reticulado de base, por exemplo, subjacente no painel 6 (Tipo 6 a) (*Répertoire*, 327; *Décor* I, 146 g) (Fig. 29) no canto nordeste do mosaico n.º 12, da Sala do Elefante e do Camelo, da Casa dos Repuxos, nos painéis 4 e 8 do mesmo mosaico n.º 12 (*Répertoire*, 327; *Décor* I, 146 g), nos cantos sudeste e noroeste, e no mosaico (Tipo 6 b) (*Répertoire*, 327; *Décor* I, 146 g) C 15 da Casa de Cantaber, na versão de faixas de cruces e quadrados bicromos (Fig. 30), e nos mosaicos n.º 1.8 (Tipo 6 c) (*Répertoire*, 327; *Décor* I, 146 d) e 1.10 (Tipo 6 e) (*Répertoire*, 327, *Décor* I, 146 e), respectivamente, da ala este (Fig. 31) e norte, do peristilo da Casa dos Repuxos,

e nos painéis laterais do compartimento do mosaico da Cena de Caça ao Veado, na versão de faixas de cruzes e quadrados policromos, da mesma casa.

Este conjunto de painéis de mosaico pavimentar, exibindo a complexificação de um esquema geométrico de reticulado simples, no qual predominam os motivos rectilíneos sobre fundo bem contrastado, com paralelos conhecidos no Centro/Norte de Itália e na Gália, reúne a seguinte tipologia de quadrados (ver Quadro-Síntese, p. 384), integrando, na maioria, composições isotrópicas e com bicromia a preto e branco:

Assim:

Tipo 1. Reticulado conservando as linhas reguladoras

Variante 1 a – Linha reguladora do reticulado a preto (Fig. 4)

Variante 1 b – Linha reguladora do reticulado denteada (Fig. 5)

Variante 1 c – Linha reguladora do reticulado a branco (Fig. 6)

Variante 1 d – Reticulado de quadrados alternando com rectângulos (Fig. 12)

Variante 1 e – Reticulado de rectângulos iguais em torno de um pequeno quadrado (Fig. 7)



Fig. 4 Mosaico geométrico de Conímbriga. Tipo 1: variante a. Composição de quadricula de faixas de filetes duplos cruzados que deixam entre si quadrados brancos com 5,5 cm de lado. Densidade de tesselas: 104 por dm². *Décor* I, 123 d, Forlì, Itália. Descoberto extramuros, em 1939, à esquerda da entrada da Casa dos Repuxos, sob a coordenação de Vergílio Correia (1941, p. 265-267). Arrancado em 1957 e recolocado em 1960. Cronologia proposta: último quartel do século II - primeiro do século III (Oleiro, 1992, mosaico n.º 2, p. 83). Veja-se, ainda, para além dos paralelos apontados na obra atrás citada, um mosaico de Mérida (Álvarez Martínez, 1990, p. 38, n.º 3, Lám. 9), datado do século IV, e outro de Rimini (Riccione, 1984, p. 8), datado de época augustana. Quanto à decoração de linha de quadrados sobre o vértice da moldura compare-se, adiante, com o mosaico da Casa de Cantaber, tipo 5d.



Fig. 5 Mosaico geométrico de Conímbriga. Tipo 1: variante b. Composição de quadriculado de filetes triplos, denteados e bicromos, que deixam entre si quadrados brancos com 10,5 cm de lado. Densidade de tesselas: 70 por dm². *Décor* I, 124 c, Óstia, Itália. Descoberto no cubículo este da Casa dos Esqueletos, extramuros, em 1938, sob a coordenação de Vergílio Correia (1938, p. 14). Arrancado e recolocado na década de 1960. Cronologia proposta: anterior à construção da segunda muralha datada do fim do século III - início do século IV (Alarcão, 1987, p. 8). Veja-se, a título de exemplo comparativo, o mosaico n.º 138 de Útica (*Corpus Tunisie*, I, 1, 1973, p. 117), do fim do século II ou início do III, e o n.º 110 de *Thuburbo Majus* (*Corpus Tunisie*, II, 1, 1980, p. 137), datado da 1.ª metade do século III, ambos na Tunísia. Este tipo de composição está também presente no painel 1 do mosaico 7 a, de Torre de Palma (*Corpus Portugal*, II, 2000, p. 232-233), datado do fim do século III, início do IV.

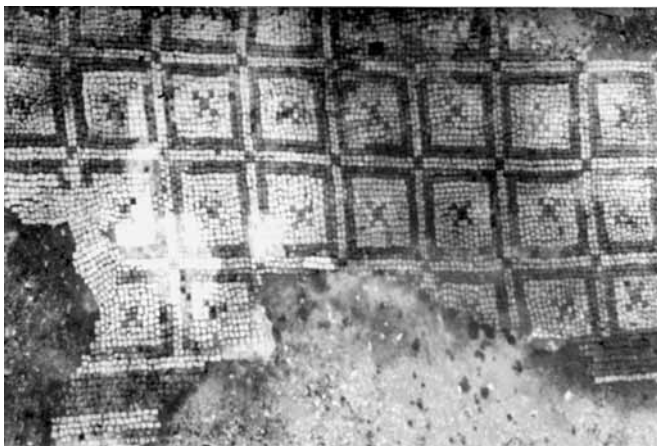


Fig. 6 Mosaico geométrico de Conímbriga. Tipo 1: variante c. Composição de quadricula de faixas de filetes duplos cruzados que deixam, entre si, quadrados brancos com 23 cm de lado, delimitados por filetes duplos pretos, decorados, ao centro, com cruzinha. Densidade de tesselas: 60 por dm^2 . *Décor* I, 124 b. Descoberto no vestíbulo C 2 da Casa de Cantaber, intramuros, entre 1930 e 1934, sob a coordenação de Vergílio Correia (1938, p. 12). Arrancado e recolocado no local na década de 1960. Cronologia proposta: século II (Correia, 2001, p. 132).



Fig. 7 Mosaico geométrico de Conímbriga. Tipo 1: variante e. Composição de quadricula de filetes duplos com rectângulos em torno de um pequeno quadrado branco com 13,5 cm de lado. Densidade de tesselas: 100 por dm^2 . *Décor* I, 140 a/b, Campânia ?, Itália. Descoberto no compartimento C 14, a este do peristilo central da Casa de Cantaber, entre 1930 e 1934, sob a coordenação de Vergílio Correia (1938, p. 12). Arrancado e recolocado no local na década de 1960. Cronologia proposta: século II (Oleiro, 1994b, p. 276; Correia, 2001, p. 123). Veja-se, como elemento de comparação, o mosaico n.º 69, de Soissons (*Recueil*, I, 1, p. 46, Pl. XX).

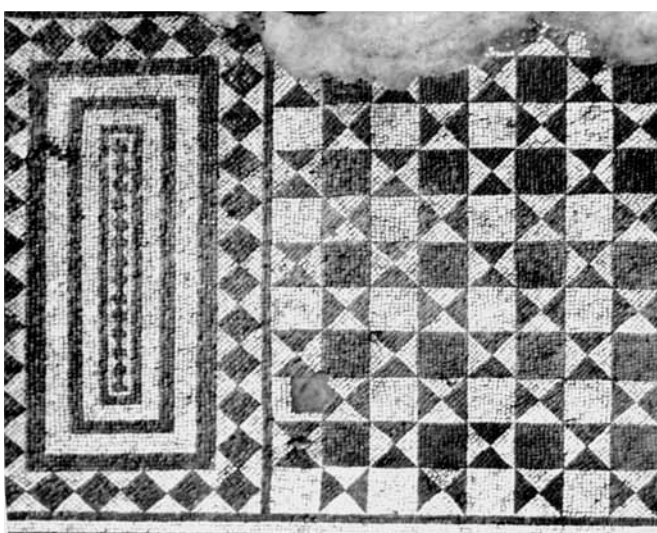


Fig. 8 Mosaico geométrico de Conímbriga. Tipo 5: variante d. Composição de faixa de quadrados sobre o vértice, delimitando rectângulo maior e composição de xadrez com motivo de ampulheta e quadrado de 12,5 cm de lado, módulo do reticulado, em oposição de cores. Densidade de tesselas: 85 por dm^2 . *Décor* I, 133 d, Lambèse, Tunísia, 138 e, Cartago, Tunísia. Descoberto na ala sul do 2.º peristilo, C 23, da Casa de Cantaber, intramuros, entre 1930 e 1934, sob a coordenação de Vergílio Correia (1938, p. 12). Conserva-se *in situ*, no suporte original. Cronologia proposta: século II d.C. (Oleiro, 1994b, p. 276; Correia, 2001, p. 123). Veja-se, a título de exemplo comparativo, o mosaico 302 A, de Besançon, datado de depois do fim do século II (*Recueil*, I, 3, p. 51).

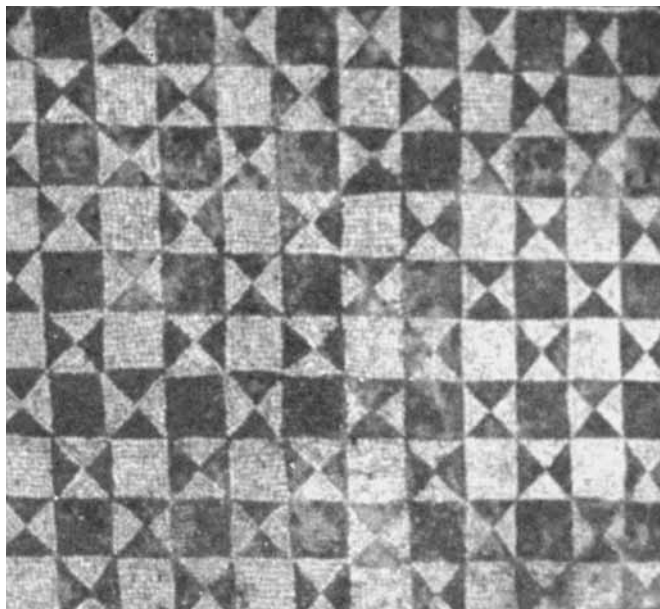


Fig. 9 Mosaico geométrico de Conímbriga. Tipo 5: variante a. Composição de xadrez com as casas decoradas por um quadrado inscrito, em oposição de cores, formando um reticulado de quadrados de 12,5 cm de lado. Densidade de tesselas: 100 por dm^2 . *Décor* I, 120, g, Este, Itália. Descoberto no átrio C 27, da Casa de *Cantaber*, intramuros, entre 1930 e 1934, sob a coordenação de Vergílio Correia (1938, p. 12). Conserva-se *in situ*, no suporte original. Cronologia proposta: séculos III/IV d.C. (Correia, 2001, p. 123). Veja-se, a título de exemplo comparativo o mosaico n.º 13 de Mérida (Álvarez Martínez, 1990, p. 69-79, Lám. 32), datado de meados do século IV, um mosaico de Rimini, datado de época augustana (Riccioni, 1984, p. 79, Pl. XXXII, 1), o mosaico n.º 7 a, painel 2, de Torre de Palma, datado do fim do século III, início do IV (*Corpus Portugal*, II, 1, p. 232-233, Est. LXXXIII b, LXXXIV) o mosaico da villa Loig, em Salzburg, Áustria, datado do século IV (Jobst, 1985, p. 95-113, Tafel 13), e, ainda, um mosaico de Éfeso (Jobst, 1977, p. 101, fig. 185), datado dos inícios do século V d.C.



Fig. 10 Mosaico geométrico de Conímbriga. Tipo 5: variante c. Composição de superfície centrada de faixas de quadrados adjacentes, com 12,5 cm de lado, sendo que um em cada dois apresenta ampulheta inscrita em oposição de cores, formando quadrados maiores concêntricos. Densidade de tesselas: 90 por dm^2 . *Décor* I, 17, f. Descoberto na sala C 68, contígua ao corredor oeste do grande peristilo central da Casa de *Cantaber*, intramuros, entre 1930 e 1934, sob a coordenação de Vergílio Correia (1938, p. 12). Arrancado e recolocado no local na década de 1960. Cronologia proposta: século II d.C. (Oleiro, 1994b, p. 276; Correia, 2001, p. 123). Veja-se, para além dos exemplos referidos na obra atrás citada, o mosaico n.º 7, do edifício dos Asclepieia, em *Althiburos*, na Tunísia (Ennaïfer, 1976, p. 102, pl. C, CI), datado do século III, e um mosaico de Vaison-la-Romaine, Vaucluse, em França, datado dos séculos II-III (Balmelle, 1984, p. 324-325, pl. CCXXIII, 1, 2).



Fig. 11 Mosaico geométrico de Conímbriga. Tipo 5: variante e. Composição de linhas justapostas de quadrados, de 14 cm de lado, base do reticulado, ligados pelo vértice, alternando com ampulhetas. Densidade de tesselas: 100 por dm^2 . *Décor* I, 118, Pompeia, Itália. Descoberto, intramuros, no fundo do compartimento C 31, entre 1930 e 1934, na Casa de Cantaber, sob a coordenação de Vergílio Correia (1938, p. 12). Conservado *in situ*. Cronologia proposta: séculos III/IV d.C. (Correia, 2001, p. 123-124).

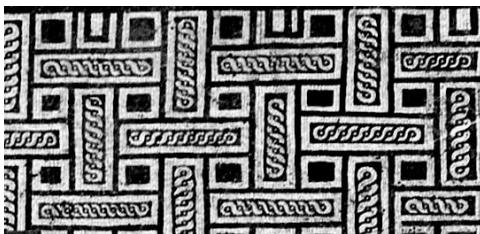


Fig. 12 Mosaico geométrico de Conímbriga. Tipo 1: variante d. Composição de superfície com retângulos em encanastrado simples, determinando quadrados com 15 cm de lado. Densidade de tesselas: 115 por dm^2 . *Décor* I, 14 0 a, Campânia?, Itália. Centro dos painéis 1, 3, 5, 7, da Sala do mosaico 12, do Elefante e do Camelo, da Casa dos Repuxos, descoberta extramuros, em 1939, sob a coordenação de Vergílio Correia (1941, p. 265-267). Arrancado e recolocado na década de 1950. Cronologia proposta: terceiro quartel do século II - primeiro do século III d.C. (Oleiro, 1992, mosaico n.º 12, p. 133).

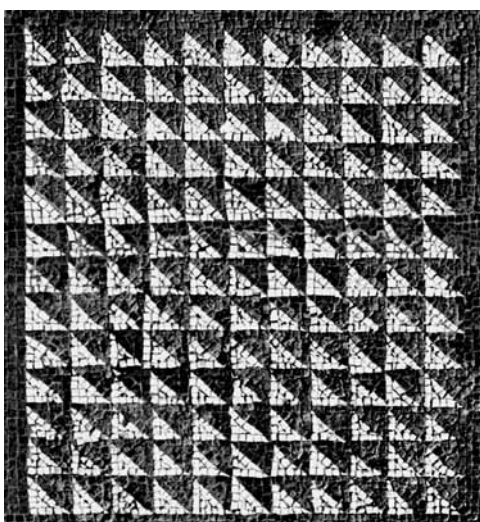


Fig. 13 Mosaico geométrico de Conímbriga. Tipo 2: variante d. Composição de axadrezado, com quadrados de 5 cm de lado, decorado de triângulos retângulos isósceles. Densidade de tesselas: 115 por dm^2 . *Décor* I, 197 a, Tétting, França. Descoberto na Sala do mosaico do Elefante e do Camelo, em 1939, extramuros, sob a coordenação de Vergílio Correia (1941, p. 265-267). Arrancado e recolocado na década de 1950. Cronologia proposta: terceiro quartel do século II - primeiro do século III d.C. (Oleiro, 1992, mosaico n.º 12, painéis 2 e 6, p. 126-133). Para além dos paralelos apontados na obra atrás citada, veja-se, ainda, os mosaicos n.º 335 de Biches (*Recueil*, II, 2) e n.º 415 de Sens (*Recueil*, II, 3).

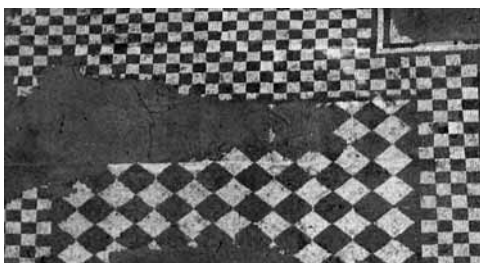


Fig. 14 Mosaico geométrico de Conímbriga. Tipo 2: variante a. Reticulado formando xadrez de quadrados denteados e quadrados direitos de 18 e 7 cm de lado. Densidade de tesselas: 90 por dm^2 . *Décor* I, 144 a/b, Autun, França. Descoberto no cubículo norte da Casa dos Repuxos, extramuros, em 1939, sob a coordenação de Vergílio Correia (1941, p. 265-267). Arrancado e recolocado na década de 1950. Cronologia proposta: terceiro quartel do século II - primeiro quartel do século III d.C. (Oleiro, 1992, mosaico 13, p. 137). Para além dos paralelos apontados na obra atrás citada, veja-se, ainda, o mosaico n.º 13 de Mérida (Álvarez Martínez, 1990, p. 69-79, Lám. 32).

Tipo 2. Xadrez

Variante 2 a – Xadrez bicromo (Fig. 14)

Variante 2 b – Xadrez policromo (Fig. 15)

Variante 2 c – Xadrez policromo alternando com motivo de asnas (Fig. 16)

Variante 2 d – Axadrezado de triângulos rectângulos isósceles (Fig. 13)

Variante 2 e – Composição de linhas de quadrados e rectângulos, em oposição de cores, delimitando espaços onde se inserem quadrados maiores direitos (Fig. 18)

Tipo 3. Quadrados sobre o vértice

Variante 3 a – Quadrados sobre o vértice, delimitando espaços onde se inserem quadrados maiores direitos (Fig. 17)

Variante 3 b – Quadrados sobre o vértice, delimitando espaços onde se inserem quadrados também sobre o vértice (Fig. 19)

Variante 3 c – Quadrados sobre o vértice, formando composição centrada de quadrados embutidos, concêntricos (Fig. 20)

Tipo 4. Imbricado de hexágonos, quadrados e triângulos

Variante 4 a – Imbricado bicromo de hexágonos oblongos, triângulos e quadrados, dentro de octógonos oblongos, delimitando espaço onde se inserem quadrados maiores (Fig. 21)

Variante 4 b – Imbricado bicromo de hexágonos oblongos delimitando quadrados, módulo base do padrão reticulado (Fig. 22)

Variante 4 c – Imbricado policromo de hexágonos oblongos, em torno de um pequeno quadrado, módulo base da composição, delimitando espaço onde se insere grande painel central (Fig. 27)

Variante 4 d – Imbricado policromo simples, composto de hexágonos regulares, triângulos e quadrados, sendo estes o módulo de base da composição, formando faixa de remate (Fig. 25)

Variante 4 e – Imbricado bicromo de octógonos, trapézios, rectângulos e quadrados (Fig. 23)

Variante 4 f – Imbricado policromo de octógonos, círculos, triângulos e quadrados, sendo estes o padrão base do reticulado (Fig. 24)

Variante 4 g – Imbricado policromo de hexágonos oblongos, delimitando quadrados, módulo base do reticulado (Fig. 26)

Tipo 5. Composição de quadrados e ampulhetas ou linhas de quadrados e ampulhetas em oposição de cores

Variante 5 a – Composição bicroma de quadrados e ampulhetas (Fig. 9)

Variante 5 b – Composição bicroma de linhas de quadrados e ampulhetas, delimitando espaços onde se inserem quadrados maiores (Fig. 28)

Variante 5 c – Linha de quadrados adjacentes, um em cada dois apresenta ampulheta inscrita em oposição de cores, formando faixas concêntricas e pequeno motivo central cromático (Fig. 11)

Variante 5 d – Linha de quadrados sobre o vértice, criando espaços onde se inserem quadrados maiores do Tipo 3 e composição de quadrados e ampulhetas (Fig. 8)

Tipo 6. Quadrícula de faixas de cruzes e quadrados

Variante 6 a – Quadrícula de faixas de cruzes e de quadrados, bicromos (Fig. 29)

Variante 6 b – Quadrícula de faixas de cruzes e de quadrados, alternando com rectângulos bicromos (Fig. 30)

Variante 6 c – Quadrícula de faixas de cruzes e de quadrados policromos (Fig. 31)

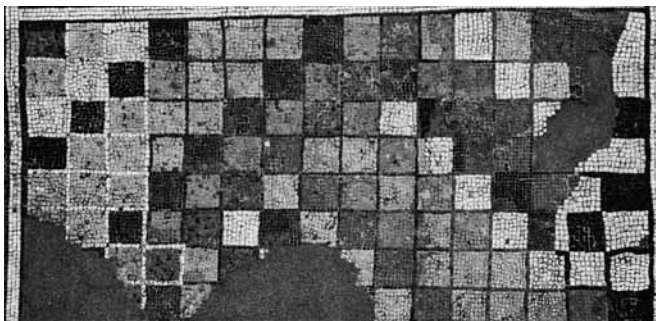


Fig. 15 Mosaico geométrico de Conímbriga. Tipo 2: variante b. Axadrezado. Quadrícula de filetes simples, ora brancos ora pretos, que deixam entre si quadrados policromos, com 9 cm de lado. Densidade de tesselas: 107 por dm^2 . *Décor* I, 121 e, Olímpia, Grécia. Descoberto extramuros, em 1939, no corredor oeste do peristilo da Casa dos Repuxos, sob a coordenação de Vergílio Correia (1941, p. 265-267). Arrancado e recolocado em 1956/1957. Cronologia proposta: terceiro ou último quartel do século III d.C. (Oleiro, 1992, mosaico n.º 1.18, p. 70). Veja-se, para além dos paralelos apontados na obra atrás citada, um mosaico da villa de Séviac, em Montréal (Balmelle, 2001, p. 244, fig. 137), e, ainda, o mosaico n.º 145 de Útica (*Corpus Tunisie*, I, 1, 1973, p. 126-128, Pl. LVIII), datado da 2.ª metade do século IV.

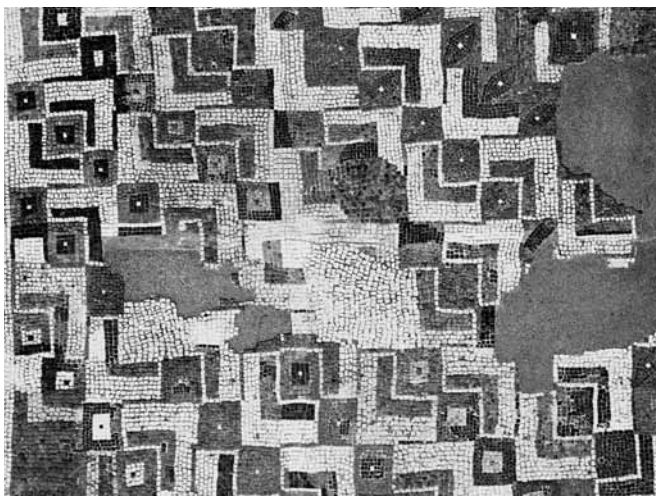


Fig. 16 Mosaico geométrico de Conímbriga. Tipo 2: variante c. Reticulado de xadrez policromo, com quadrícula de 95 cm de lado, e asnas. Densidade de tesselas: 65 por dm^2 . *Décor* I, 119 g, Conímbriga, Portugal. Descoberto, extramuros, em 1939, no corredor oeste do peristilo da Casa dos Repuxos, sob a coordenação de Vergílio Correia (1941, p. 265-267). Arrancado e recolocado em 1956/1957. Cronologia proposta: terceiro ou último quartel do século III (Oleiro, 1992, mosaico n.º 1.20, p. 73).



Fig. 17 Mosaico geométrico de Conímbriga. Tipo 3: variante a. Composição de reticulado de quadrados, de 23 cm de lado, sobre o vértice com caixotões vazados. Densidade de tesselas: 100 por dm^2 . *Décor* I, 133 d, Lambèse, Argélia. Descoberto, intramuros, em 1899, sob a coordenação de António Augusto Gonçalves (1903, p. 361). Arrancado e colocado em suporte, em 1899. Cronologia proposta: século II, talvez de meados ou terceiro quartel do século (Oleiro, 1973, mosaico 1, p. 76-92). Veja-se, para além dos paralelos apontados na obra atrás citada, um mosaico de Piacenza (Ghedini, 1998, p. 178, fig. 1) de época augustana, e outro de Roma (Ghedini, p. 178, fig. 2), datado da segunda metade do século I a. C.



Fig. 18 Mosaico geométrico de Conímbriga. Tipo 2: variante e. Composição de linhas de quadrados e rectângulos adjacentes, em oposição de cores, delimitando quadrados maiores e menores, sendo estes a base do reticulado de 9,5 cm de lado. Densidade de tesselas: 65 por dm^2 . *Décor* I, 116 d, Roma, Itália. Descoberto, extramuros, em 1938, no corredor da entrada norte da Casa da Cruz Suástica, sob a coordenação de Vergílio Correia (1938, p. 14). Arrancado e recolocado na década de 1960. Cronologia proposta: anterior à construção da segunda muralha, datada do fim do século III - início do século IV (Alarcão, 1987, p. 8). Veja-se, a título de exemplo comparativo, o mosaico de Abicada, Portimão, em Portugal (Blazquez, 1994, p. 189, Fig. 4), o mosaico de n.º 150 A, de Útica, na Tunísia (*Corpus Tunisie*, I, 2, p. 7-8, Pl. IV), provavelmente do início do século II, e o mosaico da villa de Loig, em Salzburg, na Áustria (Jobst, 1985, 95-101, Tafel 13), datado do século IV, e um mosaico de Éfeso (Jobst, 1977, p. 75, fig. 132), datado do século III d.C.



Fig. 19 Mosaico geométrico de Conímbriga. Tipo 3: variante b. Composição de quadrados, de 11 cm de lado, sobre o vértice, definindo caixotões quadrados vazados. Densidade de tesselas: 90 por dm^2 . *Décor* I, 133 c, Acholla, Tunísia. Descoberto, extramuros, em 1938, no cubículo à direita da entrada norte da Casa da Cruz Suástica, sob a coordenação de Vergílio Correia (1938, p. 14). Arrancado e recolocado na década de 1950. Cronologia proposta: anterior à construção da segunda muralha, datada do fim do século III - início do século IV d.C. (Alarcão, 1987, p. 8). Veja-se, a título de exemplo comparativo, o mosaico n.º 255 de Grand (*Recueil*, I, 2, p. 75-78), datado do terceiro quarto do século III, e o mosaico n.º 169 de Útica (*Corpus Tunisie*, I, 2, p. 18, Pl. XIII), datado do século II, e um mosaico de Éfeso (Jobst, 1977, p. 45, n.º 79), datado do século IV d.C.

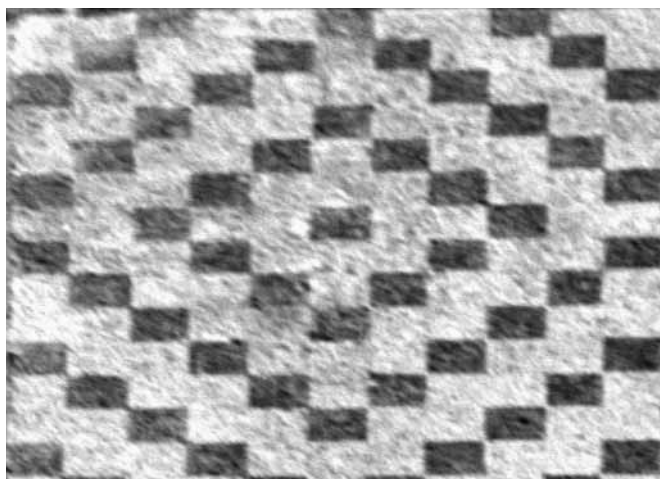


Fig. 20 Mosaico geométrico de Conímbriga. Tipo 3: variante c. Composição de linhas oblíquas, em degraus, não contíguas, de quadrados, de 10,5 cm de lado, sobre o vértice, em oposição de cores, formando quadrados concêntricos. Densidade de tesselas: 65 por dm^2 . *Répertoire* 539 variante; *Décor* II, 341/342. Descoberto em dois dos três pavimentos de mosaicos da Casa da Espada e do Tridente, intramuros, na década de 1950. Arrancado e recolocado na década de 1960. Cronologia proposta: provavelmente datáveis do século IV d.C. (Alarcão, 1987, p. 52). Veja-se, a título de exemplo comparativo, um mosaico de Éfeso (Jobst, 1977, p. 108, fig. 206/207), datado do segundo quartel do século V d.C.



Fig. 21 Mosaico geométrico de Conímbriga. Tipo 4: variante a. Composição de superfície de linhas descontínuas de ampulhetas, determinando hexágonos maiores secantes, delimitando um caixotão quadrangular direito e apresentando como módulo base do reticulado um quadrado de 13 cm de lado. Densidade de tesselas: 115 por dm^2 . *Décor* I, 172 a, Sousse, Tunísia. Descoberto extramuros, em 1939, no corredor sul do átrio norte, com tanque de lóbulos, da Casa dos Repuxos, sob a coordenação de Vergílio Correia (1941, p. 265-267). Arrancado e colocado em 1984. Cronologia proposta: terceiro quartel do século II (Oleiro, 1992, mosaico n.º 15, p. 140).

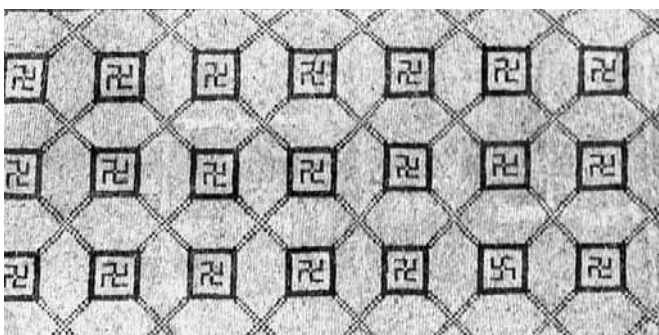


Fig. 22 Mosaico geométrico de Conímbriga. Tipo 4: variante b. Composição ortogonal de octógonos irregulares determinando quadrados, de 21 cm de lado, módulo do reticulado, decorados com cruz suástica. Densidade de tesselas: 65 por dm^2 . *Décor* I, 169 c, *Sabratha*, Líbia. Descoberto no fundo do triclinio da Casa da Cruz Suástica, extramuros, em 1938, sob a coordenação de Vergílio Correia (1938, p. 14). Arrancado e recolocado na década de 1960. Cronologia proposta: anterior à construção da segunda muralha, datada do fim do século III-início do século IV d.C. (Alarcão, 1987, p. 13). Veja-se, a título de exemplo comparativo, o mosaico n.º 75, de *Thuburbo Maius* (*Corpus Tunisie*, I, 1, p. 93, Pl. XXXVI), datado do início do século III, o mosaico da *villa* de Séviac, em Montréal (Balmelle, 2001, p. 259, fig. 168) e o mosaico de Éfeso (Jobst, 1977, p. 33, fig. 55), datado entre o século IV e V d.C.

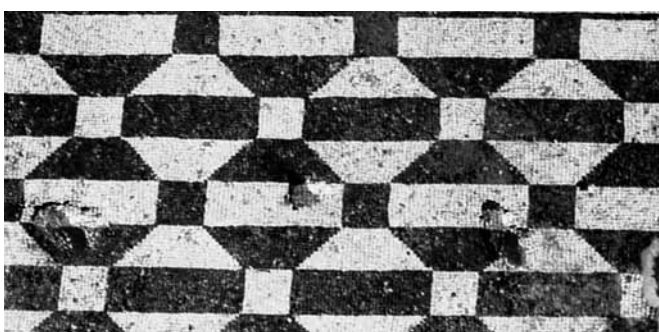


Fig. 23 Mosaico geométrico de Conímbriga. Tipo 4: variante e. Composição ortogonal de octógonos irregulares adjacentes determinando quadrados de 16 cm de lado, módulo de reticulado. Densidade de tesselas: 95 por dm^2 . *Décor* I, 163 b, Lucera, Itália. Descoberto no fundo do triclinio da Casa da Cruz Esqueletos, extramuros, em 1938, sob a coordenação de Vergílio Correia (1938, p. 14). Conserva-se *in situ*, no estado original.

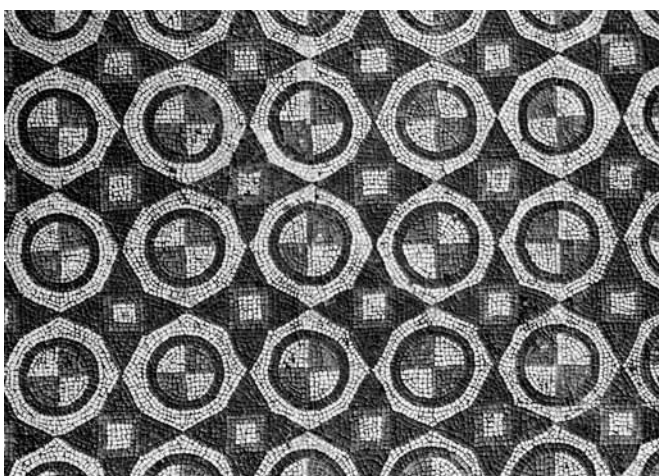


Fig. 24 Mosaico geométrico de Conímbriga. Tipo 4: variante f. Composição ortogonal de octógonos curvilíneos tangentes, determinando cruzes fuseladas. Nos octógonos brancos inserem-se, como motivos de enchimento, círculos negros em duplo filete e ampulhetas a amarelo. No centro das cruzes fuseladas negras vêem-se quadrados amarelos e brancos de 9,5 cm de lado, módulo base de reticulado. Densidade de tesselas: 83 por dm^2 . *Décor* I, 183 a, El Djem, Tunísia. Descoberto, em 1939, no átrio norte da Casa dos Repuxos, extramuros, sob a coordenação de Vergílio Correia (1941, p. 265-267). Arrancado e recolocado no local entre 1953 e 1955. Cronologia proposta: último quartel do século III d.C. (Oleiro, 1992, mosaico n.º 7, p. 96-97). Veja-se, ainda, a título de exemplo comparativo, um mosaico de Éfeso (Jobst, 1977, p. 81, fig. 147), datado dos inícios do século V d.C.



Fig. 25 Mosaico geométrico de Conímbriga. Tipo 4: variante d. Composição de octógonos irregulares oblongos, secantes e adjacentes pelos lados maiores, determinando hexágonos irregulares oblongos e quadrados regulares de 9,5 cm de lado, módulo base do reticulado. Densidade de tesselas: 135 por dm². *Répertoire* 73; *Décor* I, 172 d, Óstia, Itália. Descoberto, em 1939, extramuros, no cubículo entre o pátio porticado central e o pequeno pátio sul com fonte, sob a coordenação de Vergílio Correia (1941, p. 265-267). Arrancado e consolidado em 1959. Cronologia proposta: último quartel do século II - primeiro do século III d.C. (Oleiro, 1992, mosaico n.º 5, painel de remate, no fundo este, p. 91-93).

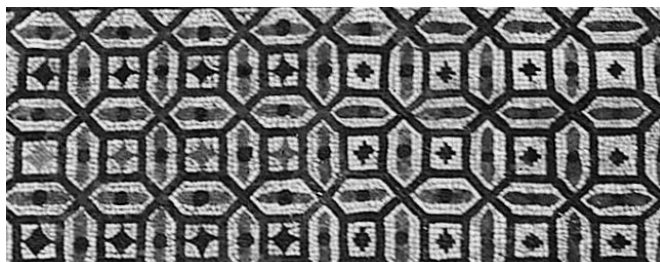


Fig. 26 Mosaico geométrico de Conímbriga. Tipo 4: variante g. Composição ortogonal de octógonos irregulares secantes e adjacentes pelos lados menores, determinando hexágonos oblongos e quadrados de 8,5 cm de lado. Densidade de tesselas: 135 por dm². *Décor* I, 169 a. Descoberto, em 1939, extramuros, no cubículo entre o pátio porticado central e o pequeno pátio sul com fonte, sob a coordenação de Vergílio Correia (1941, p. 265-267). Arrancado e consolidado em 1959. Cronologia proposta: último quartel do século II - primeiro do século III d.C. (Oleiro, 1992, mosaico n.º 5, painel envolvente ao quadro central, p. 91-93).

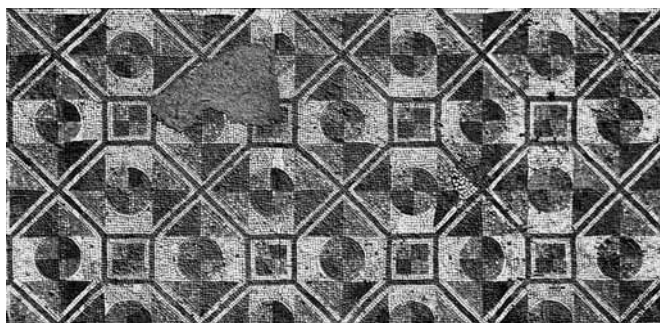


Fig. 27 Mosaico geométrico de Conímbriga. Tipo 4: variante c. Composição ortogonal de octógonos irregulares secantes e adjacentes pelos lados maiores, determinando hexágonos oblongos e quadrados de 15 cm de lado, módulo base do reticulado. O preenchimento dos fundos em oposição de três cores faz aparecer uma quadricula de faixas. Densidade de tesselas: 133 por dm². Descrição para este mosaico referido no *Décor* I, 170 a, Conímbriga, Portugal. Descoberto, em 1939, extramuros, na sala anexa ao *oecus-triclinium*, sob a coordenação de Vergílio Correia (1941, p. 265-267). Arrancado e recolocado no local entre 1960 e 1961. Cronologia proposta: último quartel do século II - primeiro do século III (Oleiro, 1992, mosaico n.º 11, p. 121, 125).

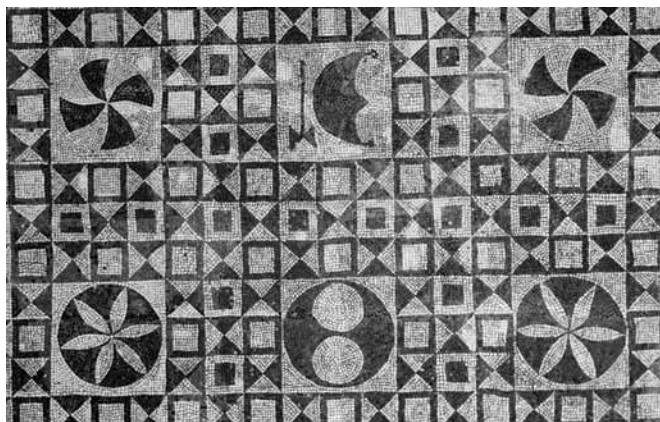


Fig. 28 Mosaico geométrico de Conímbriga. Tipo 5: variante b. Composição de xadrez de casas decoradas com um quadrado inscrito, em oposição de cores, provocando um efeito de grelha de quadrados de 13 cm de lado, módulo de reticulado. Densidade de tesselas: 112 por dm². *Décor* I, 138 e, f, g. Descoberto, intramuros, num segundo momento das descobertas, de 1899 (Gonçalves, 1903, p. 365), sob a coordenação de António Augusto Gonçalves. Arrancado em 1899 e colocado, depois, num novo suporte. Cronologia proposta: primeira metade do século II (Oleiro, 1973, mosaico n.º 4, p. 128-154). Veja-se, para além dos paralelos apontados na obra atrás citada, o mosaico 302 A, de Besançon (*Recueil*, I, 3, p. 51), datado de depois do fim do século II, e outro de Éfeso (Jobst, 1977, p. 39, fig. 66), datado do século II d.C.

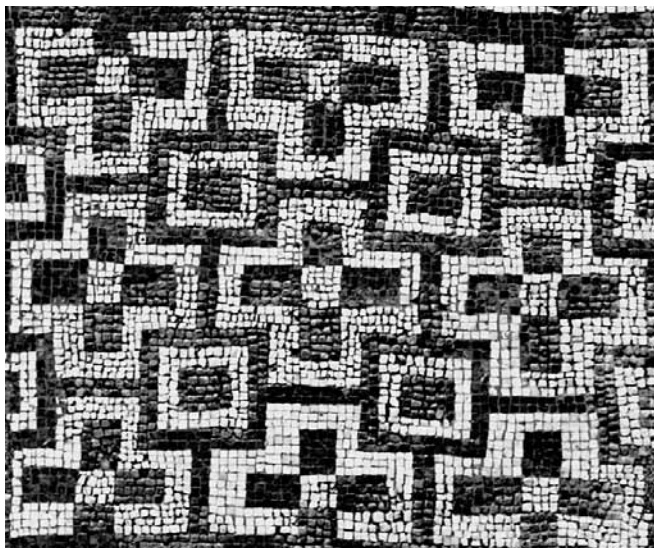


Fig. 29 Mosaico geométrico de Conímbriga. Tipo 6: variante a. Composição bicroma de faixas de cruces e quadrados de 12 cm de lado, módulo de reticulado. Como motivo de enchimento vêem-se, no interior dos quadrados outros quadrados direitos. Densidade de tesselas: 115 por dm^2 . *Répertoire*, 327; *Décor* I, 146 g, *Lucus Feroniae*, Itália. Mosaico descoberto, extramuros, em 1939, sob a coordenação de Vergílio Correia (1941, p. 265-267). Arrancado e consolidado entre o final da década de 1950 e o início da seguinte. Cronologia proposta: terceiro quartel do século II - primeiro do século III (Oleiro, 1992, mosaico n.º 12, painel 6, p. 133). Veja-se a semelhança com a composição dos painéis 4 e 8, do mesmo mosaico.



Fig. 30 Mosaico geométrico de Conímbriga. Tipo 6: variante b. Composição bicroma de faixas de cruces e quadrados de 29,5 cm de lado, módulo do reticulado. Como motivo de enchimento vêem-se no interior dos quadrados outros quadrados ora rectos ora curvilíneos pretos. Densidade de tesselas: 70 por dm^2 . *Répertoire*, 327; *Décor* I, 146 b, variante. Descoberto, intramuros, em 1930 e 1934, no compartimento C 15 da Casa de Cantaber, sob a coordenação de Vergílio Correia (1938, p. 12). Arrancado e consolidado na década de 1960. Cronologia proposta: século II d.C. (Oleiro, 1994b, p. 276; Correia, 2001, p. 123).

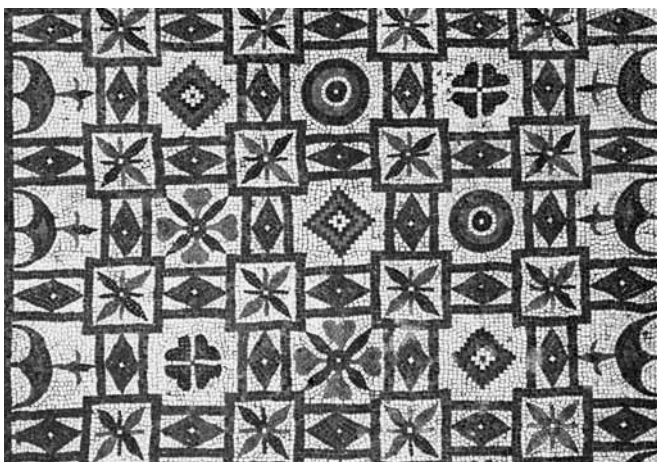
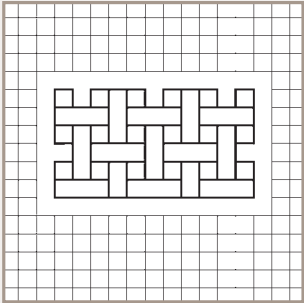
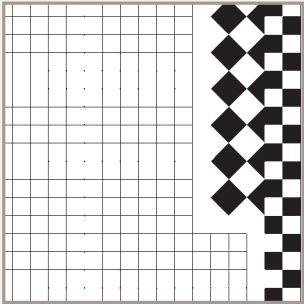
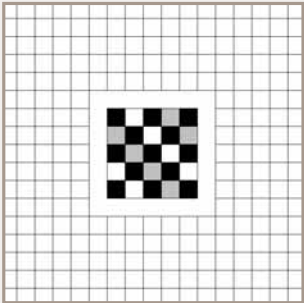
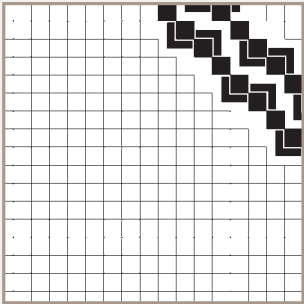
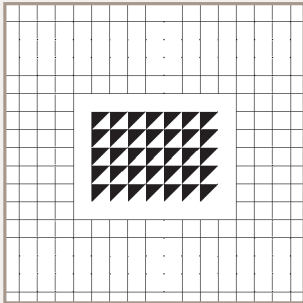
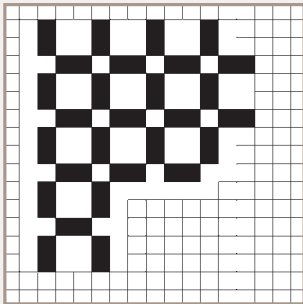
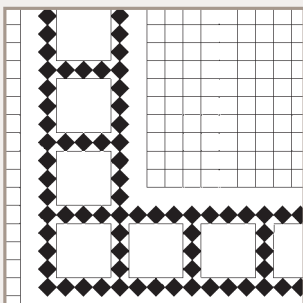
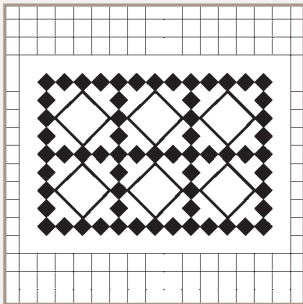
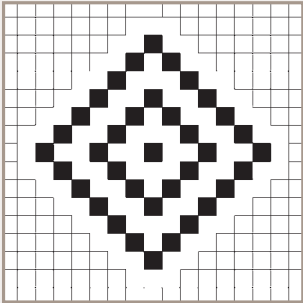
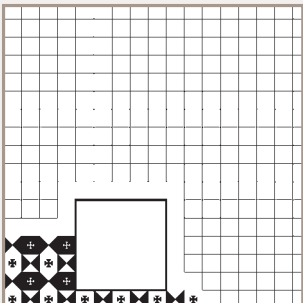
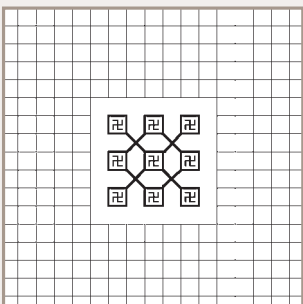
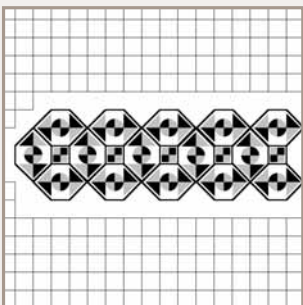


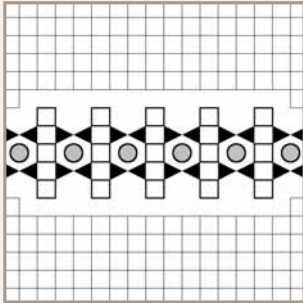
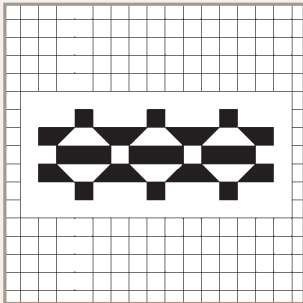
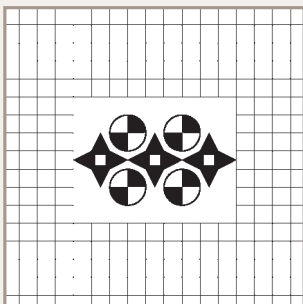
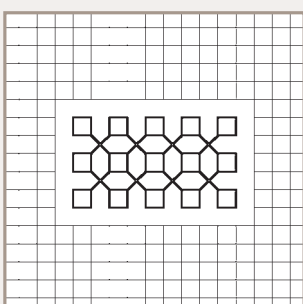
Fig. 31 Mosaico geométrico e floral de Conímbriga. Tipo 6: variante c. Composição policroma de faixas de cruces e quadrados de 18 cm de lado. Como motivo de enchimento vêem-se no interior dos quadrados, florões, e nas cruces quadrados, círculos e florões. Densidade de tesselas: 95 por dm^2 . *Répertoire*, 327; *Décor* I, 146 d, El Djem, Tunísia. Descoberto, extramuros, em 1939, na ala este do peristilo da Casa dos Repuxos, sob a coordenação de Vergílio Correia (1941, p. 265-267). Levantado e consolidado entre 1957 e 1958. Cronologia proposta: segundo quartel do século III d.C. (Oleiro, 1992, mosaico n.º 1.8, p. 54).

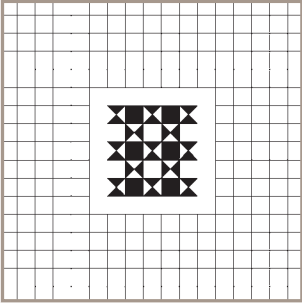
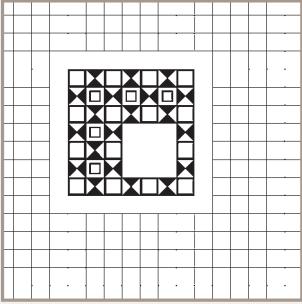
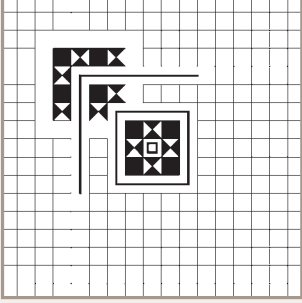
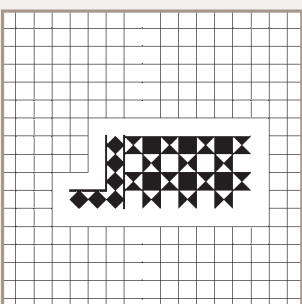
Quadro síntese. Tipologia de quadrados nos mosaicos de Conimbriga		
Tipos	Variantes	Cronologia, medida da retícula e densidade de tesselas/dm ²
1. Reticulado conservando as linhas reguladoras	a - Linha reguladora do reticulado a preto. Fig. 4	Último quartel do século II - primeiro do século III d.C. (Oleiro, 1992, mosaico 2, p. 83) Lado: 5,5 cm Densidade de tesselas/dm ² : 104
	b - Linha reguladora do reticulado denteada. Fig. 5	Anterior à construção da muralha tardia, datada do fim do século III - início do século IV d.C. (Alarcão, 1987, p. 8) Lado: 10,5 cm Densidade de tesselas/dm ² : 70
	c - Linha reguladora do reticulado a branco. Fig. 6	Século II d.C. (Correia, 2001, C 2, p. 123) Lado: 23 cm Densidade de tesselas/dm ² : 60
	d - Linha reguladora a preto alternando quadrados com rectângulos decorados no interior. Fig. 12	Terceiro quartel do século II - primeiro quartel do século III d. C. (Oleiro, 1992, mosaico 12, painéis 2 e 6, p. 133) Lado: 15 cm Densidade de tesselas/dm ² : 115

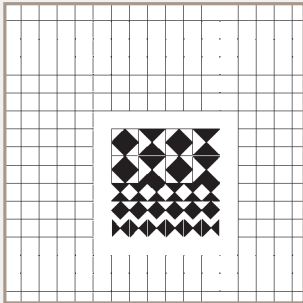
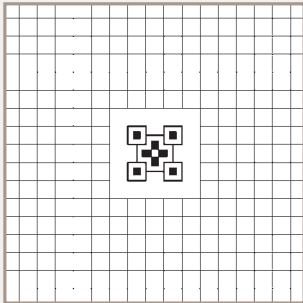
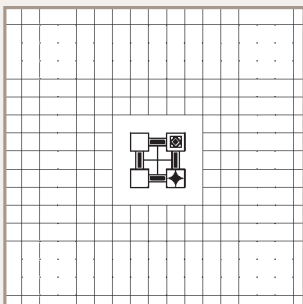
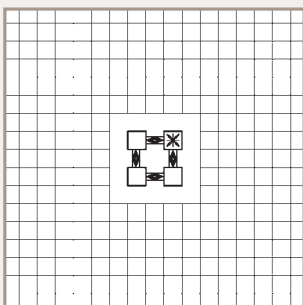
Quadro síntese. Tipologia de quadrados nos mosaicos de Conimbriga [cont.]		
<i>Tipos</i>	<i>Variantes</i>	<i>Cronologia, medida da retícula e densidade de tesselas/dm²</i>
	<p>e - Linha reguladora do reticulado a preto alternando quadrados com rectângulos não decorados no interior. Fig. 7</p> 	<p>Século II d.C. (Oleiro, 1994, p. 276; Correia, 2001, C 14, p. 123) Lado: 13,5 cm Densidade de tesselas/dm²: 100</p>
2. Xadrez	<p>a - Xadrez bicromo. Fig. 14</p> 	<p>Terceiro quarto do século II - primeiro do século III d.C. (Oleiro, 1992, mosaico 13, p. 137) Lado: 18/7 cm Densidade de tesselas/dm²: 90</p>
	<p>b - Xadrez policromo. Fig. 15</p> 	<p>Terceiro ou último quartel do século III d.C. (Oleiro, 1992, mosaico 1.18, p. 70) Lado: 9 cm Densidade de tesselas/dm²: 107</p>
	<p>c - Xadrez bicromo alternando com asnas. Fig. 16</p> 	<p>Terceiro ou último quartel do século III d.C. (Oleiro, 1992, mosaico 1.20, p. 72-73) Lado: 10,5 cm Densidade de tesselas/dm²: 116</p>

Quadro síntese. Tipologia de quadrados nos mosaicos de Conímbriga [cont.]		
Tipos	Variantes	Cronologia, medida da retícula e densidade de tesselas/dm ²
	<p>d - Axadrezado de triângulos rectângulos isósceles. Fig. 13</p> 	<p>Terceiro quartel do século II - primeiro do século III d.C. (Oleiro, 1992, mosaico 12, centro dos painéis 2 e 6, p. 126) Lado: 5 cm Densidade de tesselas/dm²: 115</p>
	<p>e - Linha de quadrados e rectângulos em oposição de cores. Fig. 18</p> 	<p>Anterior à construção da muralha tardia, datada do fim do século III - início do IV d.C. (Alarcão, 1982, p. 8) Lado: 9,5 cm Densidade de tesselas/dm²: 65</p>
3. Quadrados sobre vértice	<p>a - Delimitando espaços onde se inserem quadrados maiores direitos. Fig. 17</p> 	<p>Século II d.C., talvez de meados ou terceiro quarto do século (Oleiro, 1973, mosaico 1, p. 76-92) Lado: 23 cm Densidade de tesselas/dm²: 100</p>
	<p>b - Delimitando espaços onde se inserem quadrados maiores sobre o vértice. Fig. 19</p> 	<p>Anterior à construção da muralha tardia, datada do fim do século III - início do IV d.C. (Alarcão, 1987, p. 8) Lado: 11 cm Densidade de tesselas/dm²: 90</p>

Quadro síntese. Tipologia de quadrados nos mosaicos de Conimbriga [cont.]		
Tipos	Variantes	Cronologia, medida da retícula e densidade de tesselas/dm ²
	<p>c - Formando composição centrada de quadrados embutidos. Fig. 20</p> 	<p>Provavelmente datáveis do século IV d.C. (Alarcão, 1987, p. 52) Lado: 10,5 cm Densidade de tesselas/dm²: 65</p>
4. Imbricado de hexágonos, quadrados e triângulos	<p>a - Imbricado bicromo delimitando espaço onde se insere quadrado maior. Fig. 21</p> 	<p>Terceiro quartel do século II d.C. (Oleiro, 1992, mosaico 15, p. 139-140) Lado: 13 cm Densidade de tesselas/dm²: 115</p>
	<p>b - Imbricado bicromo delimitando quadrado módulo base reticulado. Fig. 22</p> 	<p>Anterior à construção da muralha tardia, datada do fim do século III - início do IV d.C. (Alarcão, 1987, p. 8) Lado: 21 cm Densidade de tesselas/dm²: 65</p>
	<p>c - Imbricado policromo delimitando espaço onde se insere grande painel central. Fig. 27</p> 	<p>Último quartel do século II - primeiro do século III d.C. (Oleiro, 1992, mosaico 11, p. 121-125) Lado: 15 cm Densidade de tesselas/dm²: 133</p>

Quadro síntese. Tipologia de quadrados nos mosaicos de Conímbriga [cont.]		
Tipos	Variantes	Cronologia, medida da retícula e densidade de tesselas/dm ²
	<p>d - Imbricado policromo simples formando faixa de remate. Fig. 25</p> 	<p>Último quartel do século II - primeiro do século III d.C. (Oleiro, 1992, mosaico 5, painel lateral, p. 91-93) Lado: 9,5 cm Densidade de tesselas/dm²: 135</p>
	<p>e - Imbricado bicromo de octógonos, trapézios, rectângulos e quadrados. Fig. 23</p> 	<p>Anterior à construção da muralha tardia, datada do fim do século III - início do IV d.C. (Alarcão, 1987, p. 8) Lado: 16 cm Densidade de tesselas/dm²: 95</p>
	<p>f - Imbricado policromo de octógonos, círculos, triângulos e quadrados. Fig. 24</p> 	<p>Último quartel do século II - primeiro quartel do século III d.C. (Oleiro, 1992, mosaico 7, p. 96-97) Lado: 9,5 cm Densidade de tesselas/dm²: 83</p>
	<p>g - Imbricado policromo de hexágonos oblíquos, delimitando quadrados. Fig. 26</p> 	<p>Último quartel do século II - primeiro quartel do século III d.C. (Oleiro, 1992, mosaico 5, painel ao centro, p. 91-93) Lado: 8,5 cm Densidade de tesselas/dm²: 135</p>

Quadro síntese. Tipologia de quadrados nos mosaicos de Conimbriga [cont.]		
<i>Tipos</i>	<i>Variantes</i>	<i>Cronologia, medida da retícula e densidade de tesselas/dm²</i>
5. Composição de quadrados e ampulhetas ou linhas de quadrados e ampulhetas em oposição de cores	a - Composição bicroma. Fig. 9 	Século III/IV d.C. (Alarcão, 1987, p. 21; Oleiro, 1994b, p. 276; Correia, 2001, p. 123) Lado: 12,5 cm Densidade de tesselas/dm ² : 100
	b - Composição bicroma delimitando quadrados maiores. Fig. 28 	Primeira metade do século II d.C. (Oleiro, 1973, mosaico 4, p. 276) Lado: 13 cm Densidade de tesselas/dm ² : 112
	c - Composição de faixas concêntricas com motivo central cromático. Fig. 10 	Século II? (Oleiro, 1994, p. 276; Correia, 2001, C 68, p. 123) Lado: 12,5 cm Densidade de tesselas/dm ² : 90
	d - Justaposição de linhas de quadrados e ampulhetas e quadrados sobre vértice formando rectângulos. Fig. 8 	Século II? (Oleiro, 1994, p. 276; Correia, 2001, C 23, p. 123) Lado: 12,5 cm Densidade de tesselas/dm ² : 85

Quadro síntese. Tipologia de quadrados nos mosaicos de Conimbriga [cont.]		
Tipos	Variantes	Cronologia, medida da retícula e densidade de tesselas/dm ²
	<p>e - Linha de quadrados e ampulhetas alternando com linha de quadrados sobre o vértice. Fig. 11</p> 	<p>Século III/IV d.C. (Alarcão, 1987, C 31, p. 21; Correia, 2001, p. 123) Lado: 14 cm Densidade de tesselas/dm²: 100</p>
6. Quadricula de faixas de cruzeiros e quadrados	<p>a - Composição bicroma de quadrados decorados com quadrados direitos. Fig. 29</p> 	<p>Terceiro quartel do século II - primeiro do século III (Oleiro, 1992, mosaico 12, painel 6, p. 133) Lado: 12 cm Densidade de tesselas/dm²: 115</p>
	<p>b - Composição bicroma de quadrados alternando com rectângulos. Fig. 31</p> 	<p>Século II d.C. (Oleiro, 1994, p. 276; Correia, 2001, C 15, p. 123) Lado: 29,5 cm Densidade de tesselas/dm²: 70</p>
	<p>c - Composição policroma alternando com rectângulos. Fig. 32, 33</p> 	<p>Segundo quartel do século III (Oleiro, 1992, mosaico 1.8, p. 54 e ainda mosaicos n.º 1.2, p. 37-40, n.º 1.4, p. 45, n.º 1.11, p. 59, e painéis laterais do mosaico 9 com cena de caça ou veado, p. 104). Lado: 18 cm Densidade de tesselas/dm²: 95</p>

Haverá nesta tipologia algo que nos aproxime da presença de uma oficina permanente? A repetição dos motivos sobre o padrão de base reticulado no conjunto de mosaicos até agora descobertos, tanto intra como extramuros, em Conímbriga será um indicativo de que estamos perante obra de uma oficina permanente, instalada na área da *civitas*?

Parece transparecer que o conjunto de pavimentos assinalados, por serem ilustrativos da tipologia de reticulado de quadrados, fornece uma larga indicação, do tipo cronológico, a partir dos finais do século II até meados do século IV. Tratar-se-á de uma tradição cultural das oficinas permanentes, capazes de alguma fantasia inventiva com uma origem centro-italica, provavelmente urbana? A repetição de motivos lineares, em particular os quadrados ligados pelo vértice, os triângulos em ampulheta, os axadrezados e as faixas de quadrados e cruzeiros, em pavimentos de diferentes cronologias, apontarão nesse sentido?

No tocante à relação com a superfície a decorar, vimos, nos exemplos apresentados, como o referido esquema é escolhido tanto para pequenas e grandes superfícies como em pavimentos de entrada ou corredor.

E como se manifesta, à luz da metrologia coeva (Kurent, 1985, p. 69-84), a relação entre o módulo de base do reticulado das composições com a dimensão dos compartimentos e o módulo arquitectónico? E em que medida a função do compartimento determina a escolha de composições e motivos?

De facto, na ausência de prova da existência de cadernos de modelos entre os mosaicistas, cuja existência não passa de uma mera hipótese explicativa (Bruneau, 1984, p. 247), parece-nos encontrar neste padrão de quadrados, ora direitos, ora sobre o vértice, ora em xadrez, ora dispostos na oblíqua, onde predomina o fundo branco, uma espécie de catálogo ao vivo, de esquemas de grande sobriedade decorativa, com elementos lineares simples, rectilíneos, quadrados, triângulos, ampulhetas, rectângulos, trapézios, hexágonos e octógonos, próprio de uma oficina permanente em Conímbriga.

Assim sendo, ao lado desta produção corrente manteve-se, aqui, em paralelo, a produção de obras e programas decorativos de qualidade, como é o caso de grande parte dos mosaicos da Casa dos Repuxos (Oleiro, 1992, p. 171-172). Estamos, neste caso, na presença de criações próprias de artistas de alargados recursos e influências (Lancha, 2004, p. 94), que só uma escola pode proporcionar.

Oficinas, escolas e artistas

Vejamos, por fim, exemplos de prováveis contributos externos, nos quais tanto o tema como o apuro da execução técnica mudam significativamente.

Por exemplo, no mosaico das Estações do Ano, dentro do multifacetado conjunto da Casa dos Repuxos, em *Conimbriga* (Oleiro, 1992, p. 117-125), as figuras, fruto de uma elaboração simples mas eficaz do ponto de vista iconográfico, são de grande pormenor e riqueza plástica. Foi possível atingir esta qualidade artística graças ao talento dos mestres (nas grandes escolas de pintura da Renascença era comum o mestre ocupar-se, no caso da pintura de personagens, dos rostos, mãos e panejamentos, entregando aos ajudantes e aprendizes os fundos, por requererem menos experiência de meios técnicos e artísticos) e ao acesso a uma ampla paleta de cores, capacidade dos artífices e disponibilidade de utensílios de corte do calcário apropriados para baixar a dimensão das tesselas de 7 ou 8 para 3 a 5 mm de lado (Fig. 32).

Como sabemos, o mosaico e a tapeçaria obrigam a decomposição pontilhista das linhas e das superfícies a fim de atingir o figurado. De facto, a densidade atinge, em alguns pormenores



Fig. 32 Mosaico figurativo de Conímbriga. Exibe a personificação da Estação do Outono. Densidade de tesselas: 439 por dm^2 . Descoberto, extramuros, em 1939, na sala anexa ao *oecus-triclinium*, da Casa dos Repuxos, sob a coordenação de Vergílio Correia (1941, p. 265-267). Levantado e consolidado entre 1960 e 1961. Cronologia proposta: último quartel do século II - primeiro do século III (Oleiro, 1992, mosaico n.º 11, p. 119-125).



Fig. 33 Mosaico figurativo da *villa* romana do Rabaçal, Penela. Exibe enrolamento de folhas de acanto, espigas e gavinhas e flor de crisântemo, ao centro. À esquerda, escamas monocromáticas, motivo de fundo próprio das escolas tardias, um dado novo no conjunto dos mosaicos das *civitates* de *Aeminium* e de *Conimbriga*. Densidade de tesselas de vidro: 143 por dm^2 ; tesselas de calcário: 207 por dm^2 . Descoberto em 1987, no centro do triclinio. Conservado *in situ*. Cronologia proposta: meados do século IV d.C. (Pessoa, 1998, p. 58).

dos referidos pavimentos do mosaico das Estações do Ano, entre 300 a 439 tesselas por dm^2 , valor considerado o mais elevado entre os mosaicos conhecidos no território das duas *civitates*.

Fruto de criação original, dada a modulação de volumes em presença, poderá ser também, por exemplo, a cercadura vegetal de crisântemos, envolvidos por enrolamentos de acantos, que delimita o painel central do *triclinium* da *villa* romana do Rabaçal (Pessoa, 1998, p. 39-40, figs. 21 e 22). Neste caso, o apuro técnico vai para a profusa utilização de tesselas de vidro (técnica considerada como um antecedente próximo do vitral), sobretudo na decoração de florões de oito pétalas (crisântemos), os quais reúnem uma dezena de cores e cambiantes (Fig. 33).

As tesselas de vidro aplicadas ultrapassam o número de tesselas de calcário na representação do mesmo motivo, caso único, até ao momento, no panorama dos mosaicos conhecidos nas *civitates* de *Conimbriga* e de *Aeminium*. Novidade é, ainda, no conjunto dos mosaicos aqui tratados, a identificação de escamas monocromáticas, como motivo de fundo, próprias de escolas tardias, no painel central com figura sentada, do referido mosaico do triclinio do Rabaçal.

Em ambas as situações, esta provável intervenção de artífices e de artistas convidados ou itinerantes não afasta a possibilidade da intervenção das oficinas permanentes que operam na órbita das duas *civitates* (Alarcão, 1998b, p. 119). O saber-fazer acumulado dos artífices permanentes, transmitido ao vivo, de gerações em gerações, porventura mesmo de pais para filhos (Balmelle e Darmon, p. 243), disponibiliza, após a extracção e corte dos calcários, as tesselas mais apropriadas. Porém só uma análise aprofundada dos materiais utilizados poderá confirmar a proveniência dos materiais (Pessoa, Gonçalves e Catarino, 2004, p. 319-321; Lancha, 2004, p. 94). Será necessário, de facto, alcançar esse e muitos outros dados que nos faltam apurar.

Considerações finais

Desta resenha parecem emergir alguns dados interessantes, que caracterizam, de uma forma lata, o gosto do sítio e das oficinas, mais ou menos permanentes, que actuam na área da *civitas* de *Conimbriga*, como sejam, por um lado, a linearidade, a sobriedade, a bidimensionalidade e a reduzida paleta de cores, e, por outro, as inter-relações com a produção de outras oficinas, nomeadamente itálicas (Oleiro, 1973, p. 130; Ghedini, Baggio e Toso, 1998, p. 177). Não foi porém, registada qualquer marca escrita de oficina.

Não deixará de ser significativo que as inscrições conhecidas, no mundo romano, designando seguramente mosaicistas, apresentando a legenda tipo *ex officina*, seguida do nome próprio em genitivo, pertençam à Baixa Antiguidade, sendo as mais antigas atribuídas ao século IV e as mais recentes ao século VI. Trata-se de “um dos sinais que anunciam a emergência social do trabalho livre e a respeitabilidade que o artesão mosaicista adquire na sociedade da Antiguidade Tardia, em vias de cristianização” (Balmelle e Darmon, 1986, p. 238).

Existirão soluções decorativas predilectas nos mosaicos de ambas as *civitates*? Poderá uma análise aprofundada dos motivos esclarecer esta hipótese?

Naturalmente que a brevidade com que apresentámos os exemplos, que nos parecem significativos, estão longe de abarcar esta problemática, a qual pretendemos analisar no âmbito de um projecto de investigação mais alargado¹.

Os dados apresentados são notas de reflexão para o estudo dos mosaicos de ambas as *civitates*, tendo em vista uma análise futura e atenta das técnicas e programas decorativos, porventura, reveladora de detalhes particulares que se constituam como marcas identificadoras de outras oficinas.

De facto para a realização de uma recolha arqueológica, como é o caso deste nosso levantamento para análise da distribuição dos mosaicos romanos, importa ter presentes as características físicas do território, na medida em que elas podem ajudar a explicar um grande número de razões que levaram à fixação humana, tendo em conta o uso e a exploração dos recursos naturais³.

Mas o mosaico é, predominantemente, uma linguagem de símbolos, sendo que “a interpretação arqueológica é, para além da definição da utilidade ou funcionalidade das coisas, também uma leitura dos signos ou um desvendamento do seu significado... que nos conduz ao domínio das relações sociais, dos sentimentos e das ideias colectivas” (Alarcão, 1995, p. 14).

Os mosaicos romanos das *civitates* de *Conimbriga* e *Aeminium* têm merecido a atenção de várias gerações de estudiosos. Todos nós, hoje, intervenientes directos, instituições e cidadãos comuns, podemos ter um papel activo na continuação desta importante tarefa de preservar, valorizar e transmitir aos nossos vindouros esta peculiar parcela da nossa memória e identidade.

Anexo 1

Pré-inventário e localização dos sítios com mosaicos

- 1** - Aguada de Cima, Águeda (Ladeira, s.d., p. 39, 132, 182, 184; Carvalho, 1986, p. 112-113, n.º 70; Oleiro, 1986, p. 112-113, n.º 31; Alarcão, 1998b, p. 93, n.º 3/63).
- 2** - Vimieira, Casal Comba, Mealhada (Lopes, 1981; Oleiro, 1986, p. 112-113, n.º 33; Alarcão, 1998b, p. 94, n.º 3/81).
- 3** - Murte de, Cantanhede (Oleiro, 1986, p. 112-113, n.º 32; Alarcão, 1998b, p. 94, n.º 3/82).
- 4** - Pardieiros, Pena, Portunhos, Cantanhede (Alarcão, 1998b, p. 93, n.º 3/73; Informação de Carlos Manuel Simões Cruz, 2003).
- 5** - Ançã, Cantanhede (Seco, 1853; Gonçalves, 1903, p. 364; Rocha, 1903, p. 814, 1905; Cruz, 1983; Oleiro, 1986, p. 112-113, n.º 34; Alarcão, 1998b, p. 94, n.º 3/95).
- 6** - *Aeminium*, Pátio das Escolas da Universidade de Coimbra (Alarcão, 1998b, p. 95-99, n.º 3/106; Catarino, 2001; Sales, 2001; Catarino e Filipe, 2003, p. 2-4).
- 7** - Adro da Nossa Senhora do Desterro, Montemor-o-Velho (Cruz, 1898; Rocha, 1905; Oleiro, 1986, p. 112-113, n.º 35; Alarcão, 1998b, p. 96, n.º 3/127).
- 8** - Colombeiros (?), Abertura da estrada da Figueira da Foz (Catálogo do Museu da Real Assoc. dos Archit. e Archeo. Portugueses, 1876, p.16, n.º 352; Alarcão, 1974, p. 197, fig. 55).
- 9** - Escoural, Ribeira de Cernache, Coimbra (Correia, 1940, p. 118; informação de António João Nunes Monteiro, 2003; Monteiro e Santos, 2004)
- 10** - Mina, Casconha, Coimbra (Correia, 1940, p. 119; Oleiro, 1986, p. 112-113, n.º 37; Alarcão, 1998b, p. 97, n.º 3/145).
- 11** - Revolta Seca, Avessada, Condeixa-a-Nova (Pessoa, 1986, p. 61, n.º 11; Oleiro, 1986, p. 112-113, n.º 38; Alarcão, 1998b, p. 97, n.º 3/152; Alarcão, 1999, p. 138).
- 12** - Olival dito da Miquinhas, Avenal/Sobreiro, Sebal, Condeixa-a-Nova (Repas, 1990).
- 13** - Quinta de S. Tomé, Companhia das Lezírias, Vila Nova de Anços, Soure (Oleiro, 1986, p. 112-113, n.º 36; Alarcão, 1988 [2], p. 97, n.º 3/134).
- 14** - Moroços (a), S. Fipo, Ega, Condeixa-a-Nova (Pessoa, 1986, p. 59, n.º 6; Oleiro, 1986, p. 112-113, n.º 39; Alarcão, 1998b, p. 98, n.º 3/134).
- 15** - *Conimbriga*, Condeixa-a-Velha, Condeixa-a-Nova (Catálogo da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, 1876, n.º 176; Instituto, 1877, n.º 9, p. 10; Gonçalves, 1903; Correia, 1935; 1941; Oleiro, 1951; Correia, Gonçalves, 1952; Oleiro, 1973; 1986, p. 112-113, n.º 40; Alarcão, 1998b, p. 98-101, n.º 3/172; Alarcão, 1999; Correia, 2001, p. 83-140).
- 16** - Madanela, Coles de Samuel, Soure (Informação de António João Nunes Monteiro, 2003).
- 17** - Lameiras, Póvoa de Pegas, Zambujal, Condeixa-a-Nova (Pessoa, 1986, p. 65, n.º 21; Oleiro, 1986, p. 112-113, n.º 41; Alarcão, 1998b, p.101, n.º 3/175).
- 18** - Moroços (b), Rabaçal, Penela (Oleiro, 1956; Alarcão, 1974, p. 197, fig. 55, 1998b, I, p. 119, II, p. 101, n.º 3/177, 1999, p. 128, 135-138; Pessoa e Ponte, 1984, p. 113-116; Oleiro, 1986, p. 112-113, n.º 42; Pessoa, 1986, p. 67, n.º 24, 1998, p. 20-41, 2000, p. 100-161, 217-236).
- 19** - Adro da Nossa Senhora da Graça, S. Simão, St.^a Eufémia, Penela (Azevedo, 1902; Oleiro, 1986, p. 112-113, n.º 43; Alarcão, 1988c, p. 91-113, 1998b, p.101, n.º 3/190; Pessoa, Vicente, Rodrigo, 2001).
- 20** - Santiago da Guarda, Torre, Ansião (Saa, 1960, p. 195; Coutinho, 1986, p. 179; Alarcão, 1998b, p. 101, n.º 3/189; Pereira, 2002, p. 1-10)
- 21** - Redinha, Pombal (Maria, 1712; Rocha, 1909, p. 247-248; Alarcão, 1998b, p. 101, n.º 3/185, 1999, p. 139)
- 22** - S. Tibério (?), Pombal (Vasconcelos, 1922, p. 191; Oleiro, 1986, p. 112-113, n.º 44; Alarcão, 1998b, p. 102, n.º 3, 1999, p. 139)

Anexo 2

Museus e instituições afins com acervo de mosaico em reserva e em exposição

- A** - Museu Municipal Santos Rocha (Figueira da Foz) - Mosaicos de Ançã (Cantanhede), da Senhora do Desterro (Montemor-o-Velho) e de Conímbriga (Condeixa-a-Nova)
- B** - Palácio Nacional da Ajuda (Lisboa) - Mosaico de Conímbriga (Condeixa-a-Nova)
- C** - Museu Monográfico de Conímbriga (Condeixa-a-Nova) - Mosaicos de Conímbriga, Lameiras e S. Fipo (Condeixa-a-Nova)
- D** - Museu Nacional Machado de Castro (Coimbra) - Mosaicos de Conímbriga (Condeixa-a-Nova)
- E** - Museu Tavares Proença Júnior (Castelo Branco) - Mosaicos de Conímbriga (Condeixa-a-Nova)
- F** - Museu Arqueológico do Carmo (Lisboa) - Mosaico de Colombeiros (?), Estrada da Figueira da Foz (Figueira da Foz)
- G** - Espaço-museu do Rabaçal (Penela) - Mosaicos do Rabaçal e de S. Simão (Penela)
- H** - Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa) - Mosaicos de Conímbriga (Condeixa-a-Nova)
- I** - Instituto Português de Arqueologia (Extensão Regional de Viseu e Pombal) - Mosaico do Olival dito da Miquinhas
- J** - Museu de Arqueologia/Secção do Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (Porto) - Mosaico de Conímbriga (Condeixa-a-Nova)

Anexo 3

Pessoas e entidades que tutelam os sítios com mosaico

- I** - Proprietários de Prédios Rústicos (Vimieira, Murtede, Pardieiros, Mina, Escoural, Madanela, Olival da Miquinhas, Moroços a, Lameiras)
- II** - Proprietários de Prédios Urbanos (Ançã, Revolta Seca)
- III** - Companhia das Lezírias (Quinta de S. Tomé)
- IV** - Igreja de Montemor-o-Velho (Nossa Senhora do Desterro)
- V** - Universidade de Coimbra (*Aeminium*/Pátio das Escolas)
- VI** - Instituto Português de Museus/Ministério da Cultura (*Conímbriga*/Condeixa-a-Velha)
- VII** - Câmara Municipal de Penela (Moroços b)
- VIII** - Comissão da Capela de Senhora da Graça (Nossa Senhora da Graça)
- IX** - Câmara Municipal de Ansião (Santiago da Guarda)
- X** - Falta de informação (Colombeiros ?)/Estrada da Figueira, Aguada de Cima, Redinha, S. Tibério ?)

NOTAS

- ¹ Este trabalho de progresso resulta dos elementos disponibilizados e da bibliografia a que tivemos acesso, até ao actual momento da investigação em curso. A todos os que nos ajudaram aqui fica o nosso reconhecido agradecimento.
- ² Conímbriga. Ruínas/Museu Monográfico 3150-220 Condeixa-a-Velha, Portugal.
- ³ Hoje, tanto no quotidiano dos habitantes como na toponímia ligada aos lugares das Serras calcárias de Sicó (Cunha, 1998), não escapam as suas propriedades litológicas, as actividades produtivas, a sua coloração e o seu uso, fundamentais para o dia a dia das populações. Destaque-se que, entre mais de uma centena de profissionais referenciados, só conhecemos, no respeitante à divisão sexual do trabalho, dois casos em que as tarefas de extracção e de corte foram executadas por mulheres, sendo, no entanto, esta situação comum, nos nossos dias, em relação à tarefa de corte, nas oficinas congêneres de Fátima e de Alqueidão da Serra, no Distrito de Leiria. Na verdade, algumas das localidades ligadas ao maciço calcário, que integram os limites administrativos da antiga *civitas* de Conímbriga, nos concelhos de Pombal, Alvaizere, Ansião, Penela, Soure e Condeixa, apresentam um grande número de artífices ligados à extracção, corte e assentamento de calçada/mosaico de todos os géneros. Veja-se, como exemplo, a calçada-mosaico bicroma, apresentando uma composição de quadrados ligados pelo vértice em xadrez, com 60 cm de lado e densidade: 2,5 tesselas por dm². Foi executada, em 1990, por artífices locais, como pavimento do Átrio do Paço do Município de Condeixa-a-Nova, segundo cartão do Pintor António Pimentel, de Condeixa. Ainda neste âmbito, ficou claro para nós o seguinte detalhe técnico: só muito excepcionalmente, hoje, os artífices que cortam a pedra da calçada/mosaico são os mesmos que a assentam. O ritmo e o apuro, considerados de bom nível, exigem, de uma e outra tarefa, uma dedicação exclusiva, sendo o contrário sinónimo de “perda de mão”, de que resulta um trabalho imperfeito. Isto mesmo nos disse, em 2000, em Condeixa-a-Velha, o Senhor José Ferreira Pita, entretanto falecido com silicose

(doença relacionada com a profissão), filho do cabouqueiro Manuel Pita, que, em grupo de trabalho, executava só o batimento do maço e não fazia nem o corte nem o assentamento da pedra, justamente para não “perder a mão”. Pela mesma razão, aquele que cortava pedra, ou aquele que a assentava não fazia batimento com o maço. Passar-se-ia o mesmo na Antiguidade? Quais os procedimentos e a organização profissional da produção? Esta particular aspereza, bem como as muitas dificuldades que fazem a diferença das relações entre a natureza e os homens em sociedade, originam sempre uma necessidade de fuga para o exterior próximo ou longínquo (Ferro, 1979, p. 131). Dai encontrarmos estes artífices em deslocação diária sobretudo para as vilas e cidades próximas, sendo que alguns se deslocam por períodos, mais ou menos longos, consoante o volume de obras, quer para os grandes centros urbanos quer mesmo para o estrangeiro. Nesta mesma profissão é vulgar encontrarmos, hoje, equipas integrando emigrantes de África e da Europa de Leste ou mesmo exclusivamente formadas por estes cidadãos. A introdução a este ofício, aprendido ao vivo, na década de 1950, em várias localidades assinaladas no pendor norte da Serra de Sicó, na freguesia de Condeixa-a-Velha, no concelho de Condeixa-a-Nova, que integra a extracção, corte, assentamento e batimento da calçada de calcário, deve-se a José Lourenço, artífice oriundo de Alcobaça, não alfabetizado, e ligado, naquela época, a encomendadores da cidade de Lisboa. Numa época, vivida então, com uma enorme exiguidade de meios e saídas laborais, esta foi, segundo o testemunho oral recebido, uma rara oportunidade de trabalho, fora da actividade sazonal da agricultura. Numa localidade como Condeixa-a-Velha, de evidente tradição, várias vezes centenária, de gerações de cabouqueiros, hábeis no corte e extracção de mós alveiras para os moinhos de água e de vento (Pessoa e Rodrigo, 1990, p. 161-187), a passagem ao ofício de extracção, corte e assentamento de calçada-mosaico não exigiu investimentos de monta para esta produção, dado que homens e utensílios estavam aptos para ambas as profissões.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAÇOS, M. F. (1999) - Contributo para a história e inventário dos mosaicos romanos do Museu Nacional de Arqueologia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 17, p. 345-397.
- ABRAÇOS, M. F.; MACEDO, M.; VIEGAS, C. (1993) - *Dicionário de motivos geométricos no mosaico romano, 227 termos. Baseado em material seleccionado da obra: Le décor géométrique de la mosaïque romaine, I* (1985). Conímbriga: Liga de Amigos de Conímbriga.
- ALARCÃO, A. M. (1974) - Conímbriga. Histoire d'un site - Merveilleux trésors du Portugal. *Les Dossiers de l'Archéologie*. Dijon. 4, p. 85-91.
- ALARCÃO, A. M. (1987) - *Roteiro das ruínas de Conímbriga*. Lisboa: IPPC.
- ALARCÃO, A. M.; BELOTO, C. (1987) - *Restauro de mosaico*. Lisboa: IPPC.
- ALARCÃO, A. M.; PONTE, S. (1994) - *Museu Monográfico de Conímbriga. Coleções. Catálogo*. Lisboa: IPM.
- ALARCÃO, J. de (1974) - *Portugal romano*. Lisboa: Verbo.
- ALARCÃO, J. de (1976) - Conímbriga. Condeixa-a-Nova. In *Tesouros artísticos de Portugal*. Lisboa: Selecções do Reader's Digest (Portugal), p. 218-220.
- ALARCÃO, J. de (1982) - *Introdução ao estudo da história e património locais*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.
- ALARCÃO, J. de (1985) - *Introdução ao estudo da casa romana*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.
- ALARCÃO, J. de (1988a) - *O domínio romano em Portugal*. Mem Martins: Europa-América.

- ALARCÃO, J. de (1988b) - *Roman Portugal - Introduction I, Gazetteer II/Fasc. 2*, Coimbra e Lisboa. England: Aris and Phillips, Warminster.
- ALARCÃO, J. de (1988c) - A paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal. *Conimbriga*. Coimbra. 37, p. 91-119.
- ALARCÃO, J. de (1990) - O domínio romano. O reordenamento territorial. *Nova História, Portugal das Origens à Romanização*. Lisboa: Editorial Presença, p. 352-382.
- ALARCÃO, J. de (1990) - O Domínio Romano. A construção na cidade e no campo. *Nova História I, Portugal das Origens à Romanização*. Lisboa: Editorial Presença, p. 463-489.
- ALARCÃO, J. de (1995) - Para uma epistemologia da Arqueologia. *Conimbriga*: Coimbra. 34, p. 5-32.
- ALARCÃO, J. de (1999) - *Conimbriga. O chão escutado*. Lisboa: Edicarte.
- ALARCÃO, J. de; ÉTIENNE, R. (1977) - L'Architecture. *Fouilles de Conimbriga I*. Paris: De Boccard.
- ALARCÃO, J. de; ÉTIENNE, R. (1981) - Les jardins à Conimbriga (Portugal). In *Ancient Roman Gardens. Seventh Dumbarton Oaks Colloquium, on the History of Landscape Architecture*, Harvard University, p. 69-80.
- ALARCÃO, J. de; ÉTIENNE, R.; ALARCÃO, A. M.; PONTE, S. (1979) - *Trouvailles diverses - Conclusions générales, Fouilles de Conimbriga, VII*. Paris: De Boccard.
- ALMEIDA, F. (1975) - Sur quelques mosaïques du Portugal. Torre de Palma et autres. In *La Mosaïque Greco-Romaine, II*, Paris: CNRS, p. 219-226.
- AZEVEDO, A. P. de (1902) - Importante achado archeológico. *O Archeólogo Português*. Lisboa. 2, p. 59-61.
- BALIL, A. (1971) - *Mosaicos romanos de Hispania Citerior, I. Conventus Tarraconensis*. Santiago de Compostela: Universidad (*Studia Archaeologica*; 12).
- BALMELLE, C. (1994) - Rapport sur l'état d'avancement du Recueil Général des Mosaïques de la Gaule et sur les recherches en cours, *Actes du IV Colloque International AIEMA*, Trier, 1984. Paris: CNRS, p. 321-330.
- BALMELLE, C.; BLANCHARD-LEMÉE, M.; CHRISTOPHE, J.; DARMON, J.-P.; SORBETS, G.; LAVAGNE, H.; PRUDHOMME, R.; STERN, H. (1985) - *Le décor géométrique de la mosaïque romaine, I, répertoire graphique et descriptif des compositions linéaires et isotropes*. Paris: Picard.
- BALMELLE, C.; BLANCHARD-LEMÉE, M.; DARMON, J.-P.; LAVAGNE, H. (1999) - Nouveaux apports à la connaissance de la mosaïque gallo-romaine, *Actes du VII Colloque International AIEMA*, 1994, Tunis: Institut National du Patrimoine, p. 627-637.
- BALMELLE, C.; BLANCHARD-LEMÉE, M.; DARMON, J.-P.; GOZLAN, S.; RAYNAUD, M.-P. (2002) - *Le décor géométrique de la mosaïque romaine, II: répertoire graphique et descriptif des décors centrés*. Paris: Picard.
- BALMELLE, C.; DARMON, J.-P. (1986) - L'artisan-mosaïste dans l'Antiquité tardive: Réflexions a partir des signatures. In BARRAL I ALTET, X., ed. - *Actes du Colloque Artistes, Artisans et Production Artistique au Moyen Age, Université de Rennes, 1983, Volume I, Les Hommes*. Paris: Picard, p. 235-253.
- BERNARDES, J. P. (1996) - *A civitas de Collipo*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- BLÁZQUEZ, J. M.^a (1994) - Mosaicos de Boca do Rio y Abicada (Lusitania). In JOHNSON, P.; LING, R. J.; SMITH, D. J., eds. - *Fifth International Colloquium on Ancient Mosaics held at Bath, England, on September 5-12, 1987*: Part I. Ann Arbor, MI.: Journal of Roman Archaeology, Supplementary Series 9, p. 187-198.
- BRUNEAU, P. (1984) - Les mosaïstes avaient-ils des cahiers de modèles? *Revue Archéologique*. Paris: 2, p. 241-272.
- CAMARGO, F. (1971) - Considerações sobre o mosaico das quatro estações de Conimbriga. A representação do Sol. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra. 2, p. 495-507.
- CAMPOS, J. C. A de (1877) - *Catálogo dos objectos existentes no Museu de Archeologia do Instituto de Coimbra, a cargo da Secção de Archeologia do mesmo Instituto*. Coimbra, p. 10-12.
- CARVALHO, P. (1986) - Árula votiva de Aguada de Cima. *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra. 16, n.º 70.
- CASTRO, A. M. S. (1873) - Instituto de Coimbra, Comissão de Archeologia, Sessão de 6 de Novembro de 1873, no Instituto, p. 270-274.
- CATÁLOGO da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses (1876), Lisboa, 1876, n.º 176 - Fragmento de mosaico achado em Condeixa-a-Velha; n.º 352 e 353, dois fragmentos de mosaico proveniente de uma casa de campo romana na estrada da Figueira da Foz, descoberta em 1874 por J. Possidónio da Silva.
- CATÁLOGO dos Objectos Existentes no Museu de Archeologia do Instituto de Coimbra (1877), Imprensa Litteraria, Coimbra, n.º 9, p. 10, Dois fragmentos de mosaico, descobertos em 1866 dentro da cerca de Condeixa-a-Velha.
- CATARINO, H. (2001) - Intervenção arqueológica no Pátio da Universidade de Coimbra: Notícia dos resultados preliminares. *Informação Universitária da Reitoria da Universidade de Coimbra*. Coimbra. 11, p. 7-11.
- CATARINO, H.; FILIPE, S. (2001) - Segunda campanha de escavações no Pátio da Universidade de Coimbra: ponto da situação. *Informação Universitária da Reitoria da Universidade de Coimbra*. Coimbra. 13, p. 18-19.
- CERRILLO MARTÍN DE CÁCERES, E.; FERNÁNDEZ CORRALES, J. M.^a (1981) - Un ejemplo de relación campo-ciudad. La distribución espacial de los mosaicos romanos en Lusitania. *Norba - Revista de Historia*. Cáceres. 2, p. 153-164.
- CHAVES, L. (1936-1938) - Antiquitates. III Mosaicos lusitano-romanos em Portugal. *Revista de Arqueologia*. Lisboa. 3, p. 58.

- CONCEIÇÃO, A. S. (1941) - *Condeixa-a-Nova*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- CONCEIÇÃO, A. S. (1944) - *Terras de Montemor-o-Velho*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- Corpus Portugal*, I = OLEIRO, J. M. B. (1992) - *Corpus dos mosaicos romanos de Portugal, I, Conventus Scallabitanus, Conímbriga - Casa dos Repuxos*. Conímbriga: IPM e Museu Monográfico de Conímbriga.
- Corpus Portugal*, II = LANCHÁ, J.; ANDRÉ, P. (2000) - *Corpus dos mosaicos romanos de Portugal, II, Conventus Pacensis, 1. A villa de Torre de Palma*. Lisboa: Instituto Português de Museus
- Corpus Tunisie*, I = ALEXANDER, M. A.; ENNAÏFER, M. (1973-1976) - *Corpus des mosaïques de Tunisie, I, Utique, El Alia*, 3 vol., Tunis: Institut National d'Archéologie et d'Art.
- Corpus Tunisie*, II = ALEXANDER, M. A.; BEN ABED, A. (1980-1984) - *Corpus des mosaïques de Tunisie, II, Thuburbo Majus*, 4 vol. Tunis: Institut National d'Archéologie et d'Art.
- CORREIA, L. N. (1985) - *Decoração vegetalista nos mosaicos portugueses*. Dissertação Final de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa: Universidade Nova.
- CORREIA, V. (assinado Vergílio Correia Pinto da Fonseca) (1909) - De Conímbriga. Achados vários - Uma fíbula. *O Archeologo Português*. Lisboa. Vol. XIV, n.º 9-12, p. 259 - 261.
- CORREIA, V. (1915) - Mosaicos romanos de Portugal. *Jornal O Século* de 29 de Agosto. Lisboa.
- CORREIA, V. (1916) - A camada pré-romana da cidade (Notas de uma exploração de dez dias em Condeixa-a-Velha, 1912). *O Archeologo Português*. Lisboa. 21, p. 252 - 264.
- CORREIA, V. (1928) - Artes aplicadas. Os mosaicos. O domínio romano. In *História de Portugal*. 1. Barcelos: Portucalense Editora, p. 282-284.
- CORREIA, V. (1930) - Excavações em Conímbriga. *Arte e Arqueologia*. Coimbra. 1, p. 171-173.
- CORREIA, V. (1933) - Excavações em Conímbriga. *Arte e Arqueologia*. Coimbra. 2, p. 67.
- CORREIA, V. (1935) - *Conímbriga. Notícia do oppidum e das escavações nele realizadas*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- CORREIA, V. (1938) - *Conímbriga. Notícia do oppidum e das escavações nele realizadas*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- CORREIA, V. (1940a) - Notas de arqueologia e etnografia do concelho de Coimbra. *Biblos*. Coimbra. 16:1, p. 97-142.
- CORREIA, V. (1940b) - A romanização da Lusitânia. In *Congresso do Mundo Português, Publicações, 1º Volume, Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso de Pré e Proto-História de Portugal (I Congresso)*. Lisboa. p. 531-546.
- CORREIA, V. (1941a) - *Catálogo Guia. II - Secções de Arte e Arqueologia*. Coimbra: Museu Machado de Castro, Coimbra Editora.
- CORREIA, V. (1941b) - Las más recientes excavaciones romanas de interés en Portugal. La ciudad de Conímbriga. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 43, p. 257-267.
- CORREIA, V. (1944) - Conímbriga. In *Guia de Portugal, III Vol. Beira Litoral, Beira Baixa e Beira Alta*. Lisboa: Biblioteca Nacional, p. 332-337.
- CORREIA, V. (1945) - *Conímbriga. Notícia do Oppidum e das escavações nele realizadas*. Coimbra: Gráfica de Coimbra
- CORREIA, V.; GONÇALVES, A. N. (1952) - *Inventário Artístico de Portugal. I. Distrito de Coimbra*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes.
- CORREIA, V. (1972) - *Obras, IV, Estudos arqueológicos*. Coimbra: Universidade.
- CORREIA, V. H. (2001) - Conímbriga. Casa atribuída a Cantaber. Trabalhos arqueológicos. 1995 – 1998. *Conímbriga*. Coimbra. 40, p. 83-140.
- COUTINHO, J. E. R. (1986) - *Ansião. Perspectiva global da arqueologia, história e arte da vila e do concelho*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- CRUZ, B. (1898) - Notícias várias. *O Archeologo Português*. Lisboa. 4, p. 274-276.
- CRUZ, C. M. S.; QUINTEIRA, A. J. F. (1983) - Estação arqueológica lusitano-romana do sítio de Pardieiros - Cantanhede. *Mundo da Arte*. Coimbra. 12, p. 11-19.
- CRUZ, C. M. S. (1983) - *Subsídios para a Carta Arqueológica do Concelho de Cantanhede*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, da Faculdade de Letras, da Universidade de Coimbra, p. 9-17.
- CRUZ, C. M. S. (2003) - *Carta Arqueológica do concelho de Cantanhede. Relatório de Progresso*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- CRUZ, C. M. S.; QUINTEIRA, A.; QUINTEIRA, C.; REVEZ, A. (2003) - *Sondagem arqueológica no n.º 22 da rua Jaime Cortesão, em Ançã, Cantanhede*. Relatório Final. Lisboa: IPA.
- CRUZ, C. M. S. (2003) - *Villa romana de Ançã - Relatório de trabalhos arqueológicos*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- CUNHA, L. (1988) - *As serras calcárias de Condeixa, Sicó e Alvaizere. Estudo de geomorfologia*. Dissertação de doutoramento. Coimbra: Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.
- Décor I* = BALMELLE, C.; BLANCHARD-LEMÉE, M.; CHRISTOPHE, J.; DARMON, J.-P.; SORBETS, G.; LAVAGNE, H.; PRUDHOMME, R.; STERN, H. (1985) - *Le décor géométrique de la mosaïque romaine, I. Répertoire graphique et descriptif des compositions linéaires et isotropes*. Paris: Picard.
- Décor II* = BALMELLE, C.; BLANCHARD-LEMÉE, M.; DARMON, J.-P.; GOZLAN, S.; RAYNAUD, M.-P. (2002) - *Le décor géométrique de la mosaïque romaine, II, Répertoire Graphique et Descriptif des Décors Centrés*. Picard, Paris.

- DURÁN, M. (1993) - *Iconografía de los mosaicos romanos en la Hispania alto-imperial*. Barcelona: Universitat Rovira i Virgili.
- ENNAÏFER, M. (1976) - *La cité d'Althiburos et l'édifice des Asclepieia*. Tunis: Institut National d'Archéologie et d'Art.
- FERRÃO, L. (1999) - A Casa de Cantaber (Conímbriga). Estudo arquitectónico. In *Miscellanea em Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*. Lisboa: Colibri, p. 189-232.
- FERRO, G. (1986) - *Sociedade humana e ambiente no tempo. Temas e problemas de geografia histórica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- GHEDINI, F.; BAGGIO, M.; TOSO, S. (1998) - Cultura musiva lungo la via Postumia. In SENA CHIESA, G.; ARSLAN, E., eds. - *Optima Via. Atti del Convegno Postumia. Storia e archeologia di una grande strada romana alle radici dell'Europa (Cremona 13-15 giugno 1996)*. Cremona: Associazione Promozione Iniziative Culturali di Cremona, p. 177-187.
- GUIDOBALDI, F. (1999) - Sectilia Pavimenta delle residenze imperiali di Roma e dell'area romana. In *Actes du VII Colloque International AIEMA, 1994*. Tunis: Institut National du Patrimoine, p. 639-650.
- GONÇALVES, A. A. (1903) - Excavações nas ruínas de Conímbriga (Condeixa-a-Velha). *Portugalia*. Porto. 1:1-4, p. 359-365.
- GONÇALVES, A. A. (1911) - *Museu de Antiguidades do Instituto de Coimbra. Notas*. Coimbra: Typ. Aux. d'Escriptorio.
- GORGES, J. G. (1979) - *Las villas hispano-romanas; Inventaire et problématique archéologiques*. Paris: CNRS.
- HELENO, M. (1956) - Consolidação e restauro dos mosaicos de Conímbriga. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 2ª série. 3, p. 253-255.
- HILL, J. L. M. (1988) - *The evidence of symbolism and imagery in mosaics*. University of Wales College Newport (Dissertation of the requirement for the degree of M. A.).
- HILL, J. (2002) - Rabaçal Roman villa: A work of art in the landscape. *Mosaic. The Journal of ASPROM*. Bristol. 29. p. 27-26.
- KURENT, T. (1985) - La coordinación modular de las dimensiones arquitectónicas. *Boletín del Museo Arqueológico Nacional*. Madrid: 3:1, p. 69-84.
- JOBST, W. (1977) - *Römische Mosaiken aus Ephesos I. Die Hanghäuser des Embolos*. Wien: Verlag des Österreichischen Akademie des Wissenschaften.
- JOBST, W. (1985) - *Antike Mosaik-Kunst in Österreich*. Wien: Bundesverlag.
- LADEIRA, F. D. (s.d) - *Município de Águeda, 1ª Parte. A vila de Águeda, sede de comarca, município e freguesia*. 1.º Vol., Águeda.
- LANCHA, J. (1997) - *Mosaïque et culture dans l'Occident romain (I^{er}-IV^e s.)*. Roma: "L'Erma" di Bretschneider.
- LANCHA, J. (2004) - Sources, images et originalité des ateliers de mosaïstes de Conímbriga. *Ciclo de Conferências – Perspectivas sobre Conímbriga*. LAC/Âncora Editora, p. 81-95.
- LEAL, A. S. A. B. P. (1874) - *Portugal Antigo e Moderno. Dicionário Geographico, Estatístico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias*. Lisboa, p. 377.
- LEITE DE VASCONCELOS, J. (1913) - *Religiões da Lusitânia*, Vol. 3. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 78-79.
- LOPES, J. M. (1981) - Areias - Estação arqueológica luso-romana, Vimieira, Mealhada. *Munda*. Coimbra. 2, p. 13-19.
- LOPES, J. M. (1983) - Areias - Estação arqueológica luso-romana - Vimieira, Pampilhosa - *Uma Terra e um Povo*. Pampilhosa. 2, p. 11-16.
- MACIEL, M. J. P. (1996) - *Antiguidade tardia e paleocristianismo em Portugal*. Lisboa: Colibri.
- MAC MILLAN, C. (1986) - *Mosaïques romaines du Portugal*. Paris: Porte du Sud.
- ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J. M. (1990) - *Mosaicos romanos de Mérida. Nuevos hallazgos*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- MONTEIRO, A. J. N. (2004) - *Estudo do povoamento romano do Baixo Mondego. Dossier de fichas de inventário de sítio. 1988-2004*. Coimbra: IPA. Policopiado.
- MONTEIRO, A. J. N.; SANTOS, R. (2004) - Carta de risco do património Arqueológico do Concelho de Coimbra. Plano Director Municipal. Gabinete de Arqueologia, Arte e História. Coimbra: Câmara Municipal.
- MONTEIRO, M. (1905) - O Museu Archeologico do Instituto de Coimbra. *Portugal Artístico*. Porto. Série I. 1/24, 1904-1905.
- MOURÃO, C. (2001) - *Mirabilia aquarum. Um estudo dos grupos de mosaicos romanos com motivos marinhos na Província da Lusitânia*. Dissertação Final de Mestrado em História da Arte da F.C.S.H. Lisboa: Universidade Nova.
- NEAL, D. S. (1981) - *Roman mosaics in Britain*. London: Society for the Promotion of Roman Studies.
- OLEIRO, J. M. B. (1951) - Materiales arqueológicos de Conímbriga. El mosaico del Laberinto. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 24, p. 47-52.
- OLEIRO, J. M. B. (1952) - Conímbriga e alguns dos seus problemas. *Humanitas*. Coimbra. 4, p. 32-42.
- OLEIRO, J. M. B. (1955-1956) - Archaeologica. *Humanitas*. Coimbra. 7-8, p. 274-284.
- OLEIRO, J. M. B. (1956) - *Questionário - Trabalhos para elaboração da Carta Arqueológica do Distrito de Coimbra*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.
- OLEIRO, J. M. B. (1959) - Trabalhos em Conímbriga e no criptopórtico de Aeminium. *Conímbriga*. Coimbra. 1, p. 120-122.
- OLEIRO, J. M. B. (1964) - Ruínas de Conímbriga. Consolidação de mosaicos. *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*. Porto. 116.
- OLEIRO, J. M. B. (1965) - Mosaïques romaines du Portugal. In *La mosaïque gréco-romaine (Paris, 1963)*. Paris: CNRS, p. 257-265.
- OLEIRO, J. M. B. (1971) - Conímbriga. In SERRÃO, J., ed. - *Dicionário de História de Portugal*, I. Lisboa: Iniciativas Editoriais, p. 670-671.

- OLEIRO, J. M. B. (1973) - Mosaicos de Conímbriga encontrados durante as sondagens de 1899. *Conimbriga*. Coimbra. 12, p. 67-158.
- OLEIRO, J. M. B. (1986) - Mosaico romano em Portugal. In *História da Arte em Portugal*, I. Lisboa: Alfa, p. 111-127.
- OLEIRO, J. M. B. (1994) - O tema do labirinto nos mosaicos portugueses. In *VI Coloquio Internacional sobre Mosaico Antigo*, 1990. AIEMA: Palencia-Mérida, p. 273-278.
- OLEIRO, J. M. B.; ALARCÃO, A. M.; ALARCÃO, J. (1963) - *Conimbriga. Roteiro do museu e das ruínas*. Conímbriga: Edição em francês (1965) e em inglês (1967). Reimpressões posteriores nas três línguas.
- OLEIRO, J. M. B. (2000) - La mosaïque au Portugal In LAVAGNE, H., ed. - *Mosaïque – Trésor de la Latinité*. Paris: Ars Latina, p. 64-65.
- PEREIRA, R. M.; CORREIA, V.; SALES, P. (2002) - *Mosaico de Santiago da Guarda, Ansião. Relatório de progresso técnico-científico. Intervenção arqueológica no Paço dos Vasconcelos*. Ansião: Câmara Municipal.
- PESSOA, M. (1986) - Subsídios para a carta arqueológica da área de Conímbriga. *Conimbriga*. Coimbra. 25, p. 53-73.
- PESSOA, M. (1986) - Mosaicos romanos em Portugal. *Atlantis*. Lisboa: TAP, Vol. 6, n.º 3, p. 19-25.
- PESSOA, M. (1991) - *A muralha augustana de Conímbriga - Elementos de estudo*. Condeixa-a-Velha: Edição do autor.
- PESSOA, M. (1991) - Villa romaine de Rabaçal, Penela (Coimbra - Portugal): réalités et perspectives. *Conimbriga*. Coimbra. 30, p. 109-119.
- PESSOA, M. (1998) - *Villa romana do Rabaçal - Um objecto de arte na paisagem*. Penela: Câmara Municipal.
- PESSOA, M. (2000) - *Villa romana do Rabaçal, Penela: Um centro na periferia*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia Romana, Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.
- PESSOA, M. (no prelo) - Renouveau artistique des mosaïques romaines représentant les saisons au Portugal. In *IX Colóquio Internacional para o Estudo do Mosaico Antigo 2001*. AIEMA. Roma: Ecole Française de Rome.
- PESSOA, M.; ANDRÉ, P.; SANTOS, S. (2001) - A questão da presença de uma escola de mosaicos na *villa* tardo-romana do Rabaçal: unidade entre iconografia, programa decorativo e concepção arquitectural simbólica. In *Actes du VIII Colloque AIEMA 1997*. Vol. I. Lausanne: Université, p. 27-50.
- PESSOA, M.; GONÇALVES, J. A. S. L.; CATARINO, L. (2004) - Method for the *in situ* evaluation of the state of preservation of the mosaics in the Roman villa of Rabaçal, Penela, Portugal. In *Apparati musivi antichi nell'area del Mediterraneo: conservazione programmata e recupero; contributi analitici alla Carta del Rischio. Atti del I Convegno Internazionale di Studi La Materia e i Segni della Storia, Piazza Armerina 9-13 aprile 2003*. Palermo: Flaccovio, p. 310-327.
- PESSOA, M.; MADEIRA, J. L.; NUNES, M. C. (1999) - Un rencontre de cultures en architecture et mosaïque: la villa romaine de Rabaçal (Penela, Coimbra, Portugal). In ENNAÏFER, M.; REBOURG, A., eds. - *La mosaïque greco-romaine VII: actes du VII Colloque international pour l'étude de la mosaïque antique et médiévale: Tunis, 3-7 Octobre 1994*. Tunis: Institut National du Patrimoine, p. 44-53.
- PESSOA, M.; MADEIRA, J. L.; PINTO, A.; FERREIRA, D. (1995) - *villa romana do Rabaçal, Penela (Coimbra - Portugal): notas para o estudo da arquitectura e mosaicos*. In GURT, J. M.; NURIA TENA, N., eds. - *IV Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica: Lisboa, 28-30 de setembre/1-2 d'octubre de 1992 = IV Reunião de Arqueologia Cristã Hispânica: Lisboa, 28-30 Setembro/1-2 Outubro 1992*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, p. 471-491.
- PESSOA, M.; MOUGA, T. (1999) - Os motivos botânicos nos mosaicos da villa romana do Rabaçal. In *Actas do II Congresso de Arqueologia Peninsular*, 1996, Tomo IV, Zamora: Fundación Afonso Henriques, p. 303-314.
- PESSOA, M.; PONTE, S. (1984) - Sondagens no Rabaçal (Penela). *Arqueologia*. Porto. 10, p. 113-116.
- PESSOA, M.; PONTE, S. (2000) - A colecção de jóias representadas nas figuras das estações do ano nos mosaicos da villa romana do Rabaçal, Penela, Portugal. In *V Reunió d'Arqueologia Cristiana Hispànica*. (1998, Cartagena). Monografies de la Secció Històrica, Arqueològica, VII. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, p. 541-549.
- PESSOA, M.; RODRIGO, L. (no prelo) - Conímbriga, Almedina de Condeixa-a-Velha: de cidade a courela, de courela a cidade. *Arquivo Coimbrão*. Coimbra. 38.
- PESSOA, M.; VICENTE, S.; RODRIGO, L. (2001) - *Relatório de trabalhos arqueológicos da villa romana de S. Simão*. Penela: Comissão da Capela da Senhora da Graça, S. Simão, Câmara Municipal de Penela. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- PINTO, R. S. (1934) - Inventário dos mosaicos romanos de Portugal. *Anuario del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Archeologos*. Madrid. 1, p. 160-179.
- PRUDHOMME, R. (1975) - Recherche des principes de construction des mosaïques géométriques romaines. In *Actes du II Colloque International pour l'Étude de la Mosaïque Antique (1971)*. Vienne: CNRS, p. 339-347.
- Recueil*, I, 1 = STERN, H. (1957) - *Recueil général des mosaïques de la Gaule, I, Belgique, 1, Partie Ouest*. X^e supplément à *Gallia*. Paris: CNRS.
- Recueil*, I, 2 = STERN, H. (1960) - *Recueil général des mosaïques de la Gaule, I, Belgique, 2, Partie Est*. Xe supplément à *Gallia*. Paris: CNRS.
- Recueil*, I, 3 = STERN, H. (1963) - *Recueil général des mosaïques de la Gaule, I, Belgique, 3, Partie Sud*. Xe supplément à *Gallia*. Paris: CNRS.
- Recueil*, II, 3 = DARMON, J.-P., LAVAGNE, H. (1977) - *Recueil général des mosaïques de la Gaule, II, Lyonnaise, 3, Partie central*. X^e supplément à *Gallia*. Paris: CNRS.

- Recueil*, III, 1 = LAVAGNE, H. (1979) - *Recueil général des mosaïques de la Gaule*, III, *Narbonnaise*, 1, *Partie Centrale*. X^e supplément à *Gallia*. Paris: CNRS.
- REPAS, F.; PINA, M. J. A.; AZEVEDO, P. J. (1990) - *Levantamento arqueológico do Concelho de Condeixa*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.
- Répertoire* = BLANCHARD-LEMÉE, M.; CHRISTOPHE, J.; DARMON, J.-P.; LAVAGNE, H.; PRUDHOMME, R.; STERN, H. (1973) - *Répertoire graphique du décor géométrique dans la mosaïque antique*. *Bulletin de l'Association Internationale pour l'Étude de la Mosaïque Antique*. Paris. 4.
- RICCIONI, G. (1984) - Casa romana presso l'arco di Augusto a Rimini. In *Actes du IV Colloque International AIEMA, Trèves, 1984*. Paris: CNRS, p. 77-82.
- ROCHA, A. S. (1903) - Ruínas romanas de Ançã. *Portugalia*. Porto. 1, p. 814-816.
- ROCHA, A. S. (1903) - Necrópole luso-romana da Senhora do Desterro, Montemor-o-Velho. *Portugalia*. Porto. 1, p. 596-598.
- ROCHA, A. S. (1905) - *Catálogo Geral do Museu Municipal da Figueira da Foz*. Figueira da Foz: Imprensa Lusitana.
- RODRIGO, L.; PESSOA, M. (1998) - Parras e uvas em mosaico, castas tradicionais e lagar arcaico nas terras de Sicó. *Atalaia*. Centro de Estudos da Universidade de Lisboa. 3, p. 221-227.
- SAA, M. (1959) - *As grandes vias da Lusitânia. O itinerário de Antonino*. Lisboa. 3, p. 195.
- SALES, P. (2001) - *Conservação e restauro do mosaico romano do Pátio das Escolas (Universidade de Coimbra)*. Tomar: Relatório de Estágio Curricular, Instituto Politécnico de Tomar, Departamento de Arte, Arqueologia e Restauro.
- SILVA, A. L. N. (2002) - *Mosaicos romanos do Museu Monográfico de Conimbriga*. Porto: Universidade.
- SINTES, C. [et al.] (1996) - *Musée d'Arles Antique. Catalogue*. Arles: Ed. Actes du Sud.

